

COLEÇÃO

# LITERATURA BRASILEIRA

IDENTIDADES EM MOVIMENTO

# Eu

## AUGUSTO DOS ANJOS



COLEÇÃO  
**LITERATURA  
BRASILEIRA**  
IDENTIDADES EM MOVIMENTO

**Eu**

**AUGUSTO DOS  
ANJOS**

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO  
**DIEGO GOMES DO VALLE**





**Retrato de Augusto dos Anjos**

1ª edição de “Eu” (Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1912)

Sem outras referências

# Sumário

Coleção Literatura Brasileira: identidades em movimento	6
Apresentação	9
MONÓLOGO DE UMA SOMBRA	31
AGONIA DE UM FILÓSOFO	39
O MORCEGO	38
PSICOLOGIA DE UM VENCIDO	39
A IDEIA	40
O LÁZARO DA PÁTRIA	41
IDEALIZAÇÃO DA HUMANIDADE FUTURA	42
SONETO	43
VERSOS A UM CÃO	44
O DEUS-VERME	45
DEBAIXO DO TAMARINDO	46
AS CISMAS DO DESTINO	47
BUDISMO MODERNO	61
SONHO DE UM MONISTA	62
SOLITÁRIO	63
<i>MATER ORIGINALIS</i>	64
O LUPANAR	65
IDEALISMO	66
ÚLTIMO CREDO	67
O CAIXÃO FANTÁSTICO	68
SOLILÓQUIO DE UM VISIONÁRIO	69
A UM CARNEIRO MORTO	70
VOZES DA MORTE	71
INSÂNIA DE UM SIMPLES	72
OS DOENTES	73
ASA DE CORVO	87

UMA NOITE NO CAIRO	88
O MARTÍRIO DO ARTISTA	90
DUAS ESTROFES	91
O MAR, A ESCADA E O HOMEM	92
DECADÊNCIA	93
RICORDANZA DELLA MIA GIOVENTÚ	94
A UM MASCARADO	95
VOZES DE UM TÚMULO	96
CONTRASTES	97
GEMIDOS DE ARTE	98
VERSOS DE AMOR	104
SONETOS	106
DEPOIS DA ORGIA	108
A ÁRVORE DA SERRA	109
VENCIDO	110
O CORRUPIÃO	111
NOITE DE UM VISIONÁRIO	112
ALUCINAÇÃO À BEIRA-MAR	115
VANDALISMO	116
VERSOS ÍNTIMOS	117
VENCEDOR	118
A ILHA DE CIPANGO	119
MATER	122
ETERNA MÁGOA	127
QUEIXAS NOTURNAS	128
INSÔNIA	131
BARCAROLA	134
TRISTEZAS DE UM QUARTO MINGUANTE	137
MISTÉRIOS DE UM FÓSFORO	141

# Coleção Literatura Brasileira: identidades em movimento

*Coordenação:*

Evanir Pavloski

Silvana Oliveira

Valdir Prigol

## **Apresentação da coleção**

Em uma obra tão atemporal quanto a sua temática, Italo Calvino define um clássico como um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Implicitamente, podemos reconhecer nessa caracterização a ideia de que o texto clássico nunca deixou de encontrar olhos e ouvidos dispostos a atualizar o que ele tinha para oferecer. Na diacronia de sua própria transcendência, o clássico sempre alcançou sentidos humanos em busca dos mesmos novos sentidos. O leitor – essa projeção alocada sempre nos limites do virtual e do empírico – divide seu olhar entre a urgência das questões do seu tempo presente e a perenidade das lições e das sensações do passado, de modo a (re)construir as significações de obras ininterruptamente contemporâneas. A leitura de um clássico é sempre uma apropriação anacrônica do que precisamos lembrar e do que almejamos descobrir. Nesse sentido, não apenas a identidade dos leitores é mobilizada, mas também o cânone identitário autoral que subjaz à formação do conjunto de obras consideradas clássicas. A descoberta de si nos reflexos do texto acompanha a dinâmica da redescoberta do outro nas entranhas das palavras.

A coleção Literatura Brasileira: Identidades em movimento propõe-se a estabelecer esses diálogos trans-históricos

e subjetivos por meio da publicação de 24 obras da nossa arte literária, tendo como preceito a ênfase na relevância da releitura dos clássicos, considerando que, como lembra Calvino, toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira. E como também diz Adolfo Casais Monteiro, a “obra literária, como o camaleão, muda de cor conforme o lugar onde se encontra”.

Serão publicados até três títulos por ano, que formarão, em seu conjunto, um amplo panorama da produção literária nacional. Cada edição incluirá uma introdução crítica sobre a obra assinada por um(a) pesquisador(a) reconhecido(a) na área dos estudos literários.

O objetivo deste paratexto não é de forma alguma restringir os múltiplos aspectos de cada título ou conduzir o leitor a uma interpretação prévia de seu conteúdo, mas fomentar a reflexão sobre a obra e ampliar o prazer da leitura, como experiência do presente. Dessa forma, os diálogos com grandes nomes da nossa literatura por meio dos textos desvelarão não apenas a trajetória cultural e intelectual ao longo da nossa história, mas também os movimentos de transformação das identidades nacionais e individuais, processos que jamais se esgotam e que certamente alcançarão aquele ou aquela que aceitar o convite para participar dessa jornada.

## Augusto dos Anjos: agonia de um poeta

*“Li o Eu na adolescência, e foi como se levasse um tapa na cara. [...] Augusto dos Anjos continua sendo o grande caso singular da poesia brasileira”.*

**Carlos Drummond de Andrade<sup>1</sup>**

*“A poesia de Augusto dos Anjos é fruto da descoberta dolorosa do mundo real, do encontro com uma realidade que a literatura, a filosofia e a religião já não podiam ocultar”.*

**Ferreira Gullar<sup>2</sup>**

- 
- 1 “Nota crítica à obra poética de Augusto dos Anjos”. Disponível na íntegra em: [https://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss\\_I\\_07\\_17\\_005C/mss\\_I\\_07\\_17\\_005C.pdf](https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I_07_17_005C/mss_I_07_17_005C.pdf)
  - 2 “Augusto dos Anjos ou Vida e morte nordestina”. Estudo crítico que abre Toda poesia de Augusto dos Anjos (2021).



## Apresentação

Diego Gomes do Valle

**N**o romance que ficcionaliza a biografia de Augusto dos Anjos, *A Última Quimera*, escrito por Ana Miranda, temos os questionamentos que qualquer leitor sensato se faz quando da leitura do poeta paraibano:

O professor diz que os temas de Augusto são românticos hugoanos, nem todos, na verdade apenas alguns, o que não é suficiente para enquadrá-lo no romantismo. ‘Seus decassílabos são construídos de maneira parnasiana’, diz ele. Mas sua morbidez egoística é exatamente oposta à salutar impessoalidade parnasiana. Tampouco a palavra cientificista é suficiente para explicar Augusto, uma vez que ele insinua todos os sentimentos, e sua poesia é doada de uma subjetividade filosófica (MIRANDA, 1995, p. 260).

Em qual prateleira Augusto dos Anjos (supondo que deva sê-lo) se encaixaria? Evidentemente, esse problema da categorização historiográfica da literatura em escolas ou movimentos é irrelevante quanto temos diante de nossos olhos uma “*Totalitätskunstwerk*”<sup>3</sup>, pois, justamente por conter o *zeitgeist* reinante, a obra de Anjos possui e supera os elementos do seu contexto de origem<sup>4</sup>. Assim, buscamos, nesta apresentação,

---

3 “Obra de arte total”. Emprestamos a expressão de Broch (1992) sobre James Joyce e sua atualidade.

4 Maria Ester Maciel (1990) evidencia em sua dissertação justamente a impossibilidade de se enclausurar Anjos em qualquer categoria preexistente.

articular elementos recorrentes na vasta bibliografia crítica do autor e também trazer à luz meridiana as razões pelas quais o poeta paraibano deve ser lido com interesse pelo público atual.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos<sup>5</sup> nasceu em Engenho Pau D'Arco, Paraíba, em 1884. Desde a mais tenra idade, foi enfermo e adoeceu dos nervos. cursou Direito em Recife, onde teve contato com as teorias circulantes na famosa Escola do Recife, casou-se com Ester Fialho e exerceu, enfrentando agruras financeiras<sup>6</sup>, a atividade de professor em grande parte da curta vida. Já como diretor de um grupo escolar em Leopoldina, Minas Gerais, falece em decorrência de uma pneumonia, aos trinta anos de idade, em 1914<sup>7</sup>. O livro *Eu* é de 1912 e foi totalmente custeado pelo irmão, Odilon dos Anjos. Em 1920, o amigo e jornalista Órris Soares organiza e prefacia a segunda edição de *Eu*, acrescentando *outros poemas* (ou *os poemas esquecidos*) à coletânea original<sup>8</sup>. Desde então, as edições de poemas de Augusto dos Anjos

- 
- 5 Fontes biográficas retiradas de múltiplas obras – Magalhães (1978), Bandeira (1997), Castro (2015), Franco (2000), Gullar (2021) – e informações esparsas nos outros textos referenciados ao fim desta apresentação. Sobre a vida do poeta e suas passagens pelo Rio de Janeiro e Leopoldina, recomendamos a leitura do “Capítulo 2” da tese de Rosilma Diniz Araújo Bühler: *Trans-re-criando Augusto dos Anjos em língua alemã: trilhas sonoras de uma tradução de “Os doentes”* (2022). Como há muitas inconsistências ou mesmo versões opostas a respeito da vida do poeta, o ideal é confrontar os relatos biográficos, como o faz Franco (2000). Ademais, a versão ficcionalizada de Ana Miranda, *A última Quimera* (1995), acaba preenchendo o que (parafraseando Aristóteles) *poderia ter ocorrido* – aliás, essa é a conclusão a que chega Franco.
  - 6 Sobre este aspecto e sua importância para a obra de Anjos, a tese de Arruda (2009): *O lamento dos oprimidos em Augusto dos Anjos* segue sendo o trabalho mais aprofundado.
  - 7 Sobre a causa da morte do poeta, tem-se que foi uma pneumonia. Sobre o modo como uma hipotética tuberculose foi usada como pretexto da crítica literária biografista desde as primeiras análises, recomendamos *Ficções do Eu: Augusto dos Anjos* (2000), dissertação (já citada) de Mary Jane Fernandes Franco.
  - 8 Sobre a problemática que envolveu o estabelecimento da versão crítica dos poemas completos de Anjos, recomendamos a apresentação de Castro (2015) à edição fac-símile da edição original, de 1912, de *Eu*.

vêm sendo reeditadas com sucesso de vendas e constantemente figuram nas listas de obras de vestibulares e processos de seleção das universidades brasileiras, além de proporcionarem material para um sem número de dissertações e teses.

Desde sua publicação, a obra de Augusto dos Anjos provoca reações controversas. O caráter original, paradoxal e chocante de sua linguagem, o apreço pelo escatológico, pelo grotesco, gera análises entusiasmadas e encomiásticas de um lado ou detradoras e ofensivas de outro. Seja na crítica meramente elogiosa, seja no julgamento despectivo, algo se depreende a respeito de Anjos: desde o início, sua obra é inclassificável, como disserta Ferreira Gullar, no seu célebre estudo introdutório aos poemas de Anjos:

Não conheço nenhum outro poeta brasileiro, anterior a Augusto dos Anjos, que, a fim de exprimir a experiência concreta vivida, tenha de tal modo abandonado os recursos literários usuais, dado costas aos canais prontos da metáfora prestigiosa (GULLAR, 2021, p. 28).

Na “Nota Biográfica” (1965) escrita por Francisco de Assis Barbosa, temos uma anedota, que se tornou conhecida, envolvendo dois amigos do poeta, quando da sua morte, que seguiam pesarosos e encontraram Olavo Bilac, que teria indagado a respeito do ar triste de ambos. Um dos amigos, Heitor Lima, então, declama de cor o poema “Versos a um coveiro” ao “Príncipe dos Poetas”, que teria redarguido: “Fez bem em morrer, não se perdeu grande coisa” (BARBOSA, 1965, p. 82). Embora a narrativa não passe de anedota, não é difícil supor a razão pela qual ela reflita algo de verdadeiro: em um contexto cultural predominado pela estética parnasiana, os versos de *Eu* soarão inevitavelmente como de mau gosto, uma vez que o gosto médio dos versos presentes no epigonismo parnasiano de início do século XX está em notório descompasso com

que Anjos produzira. João Adolfo Hansen, no ensaio crítico à edição fac-símile de *Eu* (2015), a esse propósito, lembra que:

Alguns críticos fazem ressalvas a essa “necessidade de horroroso” alegando o mau gosto de Augusto dos Anjos. O critério de gosto – e de bom gosto e mau gosto – é discutível pois, sendo critério normativo que pressupõe a positividade do “bom gosto”, é criticamente anacrônico, supondo-se que, desde as críticas kantianas feitas na segunda metade do século XVIII, as práticas artísticas não mais se subordinam a nenhuma normatividade (HANSEN, 2015, p. 44).

Otto Maria Carpeaux, na *História da literatura ocidental*, embora ofereça reconhecimento ao poeta paraibano, registra também o juízo comum associado ao “mau gosto” de seus versos:

prejudicado pela forma parnasiana e mais gravemente prejudicado pelo mau gosto da ‘linguagem científica’ dos meios cultos que o provinciano adotou [...] é o poeta mais estranho e mais original da literatura brasileira (CARPEAUX, 2012, p. 1975)

Contudo, Alfredo Bosi nos lembra que o putativo “mau gosto” reflete a “dimensão cósmica e a angústia moral de sua [de Anjos] poesia” (BOSI, 2006, p. 288), colocando, dessa maneira, o juízo crítico comum na trilha de sua angustiante causalidade. Assim, interessa, à análise justa e interessada, detectar, no texto poético, que experiências humanas estão sendo representadas, com quem (ou o quê) a obra dialoga, que padrões são perceptíveis, quais efeitos estéticos são alcançados e, por fim, qual a relação da obra com o seu, com o nosso, com todos os tempos do *Eu*. Novamente, Bosi resume o intento:

Em Augusto dos anjos, o jargão científico e o termo técnico, tradicionalmente prosaicos, não devem ser abstraídos de

um contexto que os exige e os justifica. Ao poeta do cosmos em dissolução, ao artista do mundo podre, fazia-se mister uma simbiose de termos que definissem toda a estrutura da vida (vocabulário físico, químico e biológico) e termos que exprimissem o asco e o horror ante essa mesma existência imersa no Mal (BOSI, 2006, p. 291).

Destarte, forma e conteúdo se unem coerentemente, desde que se rastreiem os elementos que compõem cada aspecto da estética de Anjos. José Guilherme Merquior chama o autor de “Psicologia de um vencido” de “pseudossimbolista” e verdadeiramente um “expressionista” (MERQUIOR, 2014, p. 223). Ademais, Merquior contextualiza que o Decadentismo e o Simbolismo sofreriam concorrência com o Parnasianismo à época de surgimento de Anjos, fato que propiciaria algumas das características do inclassificável poeta<sup>9</sup>. Da mesma forma, sustenta que, entre Cruz e Souza e os modernistas, Augusto dos Anjos foi o maior, parecer idêntico ao de Alfredo Bosi (2006, p. 287). Na linha dessa associação de Anjos a certo Simbolismo decadentista, é uníssona a afirmação da influência de Baudelaire na obra do paraibano, além de de uma continuidade da estética de Cruz e Souza, que também valorizava o feio, o horrível, um descompromisso com o Belo, com o perfeito, em nome da abertura para o grotesco. João Adolfo Hansen (2015) assevera que:

os poemas de *Eu* não pressupõem os transcendentais espiritualistas da poesia simbolista, ainda que usem recursos técnicos desse estilo; nem perdem o tempo do leitor com as platitudes olímpicas do kitsch parnasiano, embora evidenciem cuidado e apuro da versificação (HANSEN, 2015, p. 18).

---

9 “Pré-modernismo não passa de um cômodo conceito coletivo” (CARPEAUX, 1999, p. 727).

Carpeaux, no ensaio “Períodos da história literária brasileira”, além de registrar novamente seu descontentamento quanto à linguagem que dá forma a seu conteúdo, afirma que:

[O poeta] teria sido o maior poeta simbolista do Brasil, se o parnasianismo não o encerrasse na camisa-de-força de sua “forma” e não o iludisse com o fantasma da poesia pseudocientífica. Não teve, não podia ter sucessores (CARPEAUX, 1999, p. 727).

Como complementação da linhagem simbolista-decadentista, o crítico registra<sup>10</sup> ainda a importância da obra do português Cesário Verde, chamando a atenção para um fato interessante: a valorização e a apreciação aprofundada da obra de Cesário são posteriores à valorização dos versos de Augusto dos Anjos, sendo que a segunda iluminou a primeira. Ou seja, ocorreu aquilo que Jorge Luis Borges genialmente percebeu no ensaio “Kafka y sus precursores”: “*cada escritor crea a sus propios precursores*” (BORGES, 1980, p. 228). Assim, certo Cesário só passa a ser perceptível *depois* de se valorar aquele a quem o português influenciou.

Se há muitas análises que tratam do poeta a partir da crítica psicanalítica, de noções biológicas e que colocam a obra de Anjos como resultado de supostas patologias psicológicas do autor, as quais teriam sido herdadas, sobretudo, da mãe. A esse respeito, Hansen é pontual:

Esse psicologismo positivista muito rotineiro na crítica brasileira ignora que poesia é ficção e que, no artifício da invenção e da comunicação do eu poético dos poemas de *Eu*, os termos científicos não têm a mesma significação, a mesma função e o mesmo valor que têm nos textos de

---

10 CARPEAUX (1999, p. 812).

Darwin, Spencer e Haeckel, nos quais o poeta foi buscá-los (HANSEN, 2015, p. 27).

De todo modo, uma certa “virulência pessimista” (BOSI, 2006, p. 288) à la Schopenhauer parece ser o mote que acolhe sucessivas gerações de leitores. Assim como Baudelaire, Anjos canta as misérias da carne em putrefata, é um observador das forças da matéria, que conduzem ao Nada e ao Mal. A rudeza materialista com que o corpo é liricamente apresentado, um certo vezo espiritualista de teor panteísta, a especulação filosófica, o tema da morte e do sofrimento humano e tantos qualificativos mais, geraram a alcunha de “Poeta da morte”, imagem que se cristalizou a partir do texto introdutório de Órris Soares à segunda edição de *Eu*.

Analisando Álvares de Azevedo, Alfredo Bosi menciona que o poeta romântico usa “grupos nominais próprios da situação adolescente” (BOSI, 2006, p. 111) – “boca maldita”, “leito pavoroso” e “deserto lodaçal”, por exemplo – e coloca Augusto dos Anjos como o “poeta dileto dos adolescentes” (BOSI, 2006, p. 111) justamente por essa semelhança formal. Chico Viana<sup>11</sup>, na análise já clássica intitulada *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos* (1994), analisando o “peculiar cristianismo” de Anjos, aponta que a popularidade do escritor paraibano está associada à civilização da culpa (a nossa) que encontra a forma adequada para uma catarse nos versos do poeta. Assim como ocorre em Kafka, a relação de Augusto dos Anjos com o discurso religioso não pode ser entendido de modo ortodoxo, ponto que não passa sem ser abordado por Viana: “Não interessa ao eu lírico o credo, o sistema, [...] Interessa-lhe a imagem de um Cristo não-histórico, mítico” (VIANA, 1994,

---

11 Recomendamos o site de Viana, no qual se encontram preciosas informações a respeito do poeta e excelentes análises: <https://escritos.sobreaugustodosanjos.wordpress.com/>

p. 133). Nesse cristianismo mítico de Anjos, o corpo humano de Cristo está passível à corrupção e à dor tanto quanto qualquer outro ser humano:

*De Jesus Cristo resta unicamente  
Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente  
Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!*

(“Poema negro”)

À guisa de comparação, no romance *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, o corpo do (tomado por santo por seus fiéis) Stárietz Zósima fede após algumas horas de velório, o que é tido como um escândalo. Ademais, sabe-se que uma das experiências mais importantes na carreira do escritor russo foi a contemplação do “Cristo morto”, de Holbein, o jovem, no Museu da Basileia, em 1867<sup>12</sup>.

Por outro lado, é importante registrar que, embora Anjos e a Escola do Recife como um todo sejam caudatários das ideias progressistas de Comte, Haeckel, Spencer e Darwin, não há aquele otimismo que encontramos num Claude Bernard ou em seu entusiasta na literatura: Émile Zola<sup>13</sup>. Assim, em seu suposto

---

12 Joseph Frank, biógrafo de Dostoiévski, traz o relato – com a tinta de Anjos – de Anna, esposa do escritor russo, a respeito do impacto da pintura de Holbein: “Em todo o museu [de Basileia], existem apenas dois quadros realmente inestimáveis, sendo um deles o Salvador Morto, uma obra maravilhosa que me horrorizou e impressionou tanto Fiódor [...] Mas aqui toda a compleição [de Cristo] é macilenta, as costelas e os ossos estão à mostra, as mãos e os pés crivados de chagas, todas azuladas e inchadas, como um cadáver em decomposição. O rosto também está terrivelmente agoniado, os olhos ainda semiabertos, mas inexpressivos, e que olham mas não veem. O nariz, a boca e o queixo são todos azuis; a coisa toda tem uma forte semelhança com um verdadeiro cadáver” (FRANK, 2018, p. 655).

13 No famoso ensaio “Romance experimental”, de 1880, Zola registra afirmações que evidenciam, ingenuamente, uma fé cega na ciência: “Entrar-se-á num século em que o homem todo-poderoso terá subjugado a natureza e utilizará suas leis para fazer reinar sobre esta terra a maior



e herético cristianismo ou no apreço pelas ideias científicas, encontramos muito mais uma constatação do problema do mal, que persiste para além do avanço científico, ou melhor, evidencia-se justamente na descrição fisiológica da decomposição, da podridão do elemento material. Nesse sentido, vislumbra-se um panteísmo em que o *theos* é o verme, e a visão cíclica, imanente e total, é aquela que Lavoisier nos ensina e que, em certo aspecto, persiste em Haeckel<sup>14</sup>:

*Não me incomoda esse último abandono.  
Se a carne individual hoje apodrece,  
Amanhã, como Cristo, reaparece  
Na universalidade do carbono!*

(“Os doentes”)

Em uma fina leitura nietzschiana, reconhecendo como “máscaras trágicas” os modos pelos quais o eu-lírico de Anjos atua, a respeito do poema “O Deus-verme”, Fábio Casemiro afirma que:

vemos uma divindade que funde morte e vida, num ciclo (des)evolutivo, ao mesmo tempo em que amalgama científico e religiosidade. Em Eu encontraremos um senso

---

soma possível de justiça e de liberdade (ZOLA, 1982, p. 48), “Somos nós que estamos com a força, somos nós que estamos com a moral” (ZOLA, 1982, p. 53), “Todos os nossos esforços tendem à necessidade de nos tornarmos mestres da verdade” (ZOLA, 1982, p. 60). Como mostra José Paulo Paes (1994, p. 28), o pessimismo existencial e o ceticismo gnoseológico de Schopenhauer substituem o “ingênuo otimismo [...] para quem todos os enigmas do universo haviam sido praticamente resolvidos pela ciência do século XIX”.

14 Hansen (2015), a respeito da filosofia monista de Haeckel, diz: “o termo monera, nome da bactéria unicelular, significa a unidade substancial, lógica e moral de espírito e da matéria a que se reduzem todos os fenômenos orgânicos determinados pelos processos químico-físicos do carbono e do amoníaco, que ciclicamente fazem os organismos vivos crescer, comer e digerir outros, reproduzir-se e decair e chegar à morte e à decomposição” (HANSEN, 2015, p. 28).

religioso muito particular ao poeta, porque, invertendo a concepção de ascensão de Cristo, ele cria um outro Cristo, um Cristo paródico, telúrico, físico (e não metafísico): o cristianismo à moda de Augusto dos Anjos se imbuí do "sentido da terra" (CASEMIRO, 2015, p. 87).

Assim, há uma evidenciação de que nem ciência e tampouco as religiões podem oferecer redenção ao que os versos apontam, pois “passam a conotar a pessoalidade da angústia do indivíduo inutilmente sabedor de que vai morrer” (HANSEN, 2015, p. 32). Dessa maneira, chegamos ao centro irradiador de formas e temas: a inescapabilidade da morte, “esta carnívora assanhada”, revela o problema do mal, uma vez que “A angústia da morte e a angústia do mal são uma coisa só” (BORNE, 2014, p. 50), o que resultará em uma visão trágica da existência, a qual fornece a lente fenomenológica da percepção do mal: perceber o mal é sentir angústia existencial:

*Morte, ponto final da última cena,  
Forma difusa da matéria imbele,  
Minha filosofia te repele,  
Meu raciocínio enorme te condena.*

(“As cismas do destino”)

O problema do mal, no sentido amplo da filosofia e da teologia, coloca-se da seguinte forma: qual é o sentido do sofrimento humano? Como conciliar a existência de um Deus, que é suma bondade e plena onisciência – que permite o mal, então –, além de ser (pelo menos) causa indireta do mal no mundo? O célebre paradoxo de Epicuro (341 a.C – 270 a.C) condensa muito bem o problema do mal: se onisciência, onipotência e benevolência são atributos de um Deus, a existência do mal inviabilizaria a existência de Deus com tal e tal atributo, o qual deixaria de ser Deus.

*Magoaram-te, meu pai! Que mão sombria,  
Indiferente aos mil tormentos teus  
De assim magoar-te sem pesar havia?!*

*- Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim  
É bom, é justo, e sendo justo, Deus,  
Deus não havia de magoar-te assim!*

(“A meu Pai doente”)

Assim, a constatação do mal no mundo colocaria em xeque a existência de um Ser Absoluto Criador. Destarte, mobilizam-se conceitos diversos: a natureza, a origem e as causas do mal são elementos imbricados. Como resultado recorrente, uma pergunta acachapante brota no interior do ser humano, resumida por Étienne Borne, em *O problema do mal*, assim: “Apesar da dor, do fracasso e da morte, a vida vale a pena ser vivida?” (BORNE, 2014, p. 17).

Não nos proporemos a historiar as respostas filosóficas e teológicas a tais problemas, pois não nos compete e não caberia nos limites desta apresentação, mas tão somente jogar luzes ao problema, para que se complexifique a abordagem de Augusto dos Anjos. De uma maneira geral, a resposta-padrão da filosofia cristã é: o mal não possui consistência, pois não possui substância própria. Na forma lapidar: “O mal é ausência de bem”. Santo Agostinho, no diálogo *O livre arbítrio*, enuncia o problema assim:

Ora, nós acreditamos que de Deus procedem todas as coisas existentes, e que apesar disso Deus não é o autor dos pecados. Entretanto, se os pecados provêm das almas que Deus criou, e essas almas procedem de Deus, causa confusão ao espírito como é que os pecados, e quase imediatamente, não se hão de atribuir a Deus (AGOSTINHO, 1990, p. 24).

Toda a argumentação desenvolvida vai na direção de que Deus criou substâncias boas, para as quais deu livre-arbítrio,

que é um bem, a partir do qual o mal é possível. Assim, as substâncias criadas por Deus são boas, as suas ações podem ser boas ou más. Estamos, evidentemente, no terreno do mal moral, que, na argumentação agostiniana, afasta o condão divino da ação má humana. Qual seria, então, pergunta-se Agostinho, o impulso para o mal? Trata-se de um afastamento livre do Sumo Bem. Assim, se o mal é ausência de bem, pode-se dizer, com outras palavras, que o mal é afastamento de bem. Basta que nos lembremos da localização de Satã no Inferno de Dante: precisamente o lugar mais afastado do último círculo do Paraíso<sup>15</sup>, onde o protagonista terá sua *visio Dei*. Como fica claro no *Livro de Jó*, a tentação do Diabo faz parte da providência, que autoriza o agir maligno excetuando tão somente a quebra da liberdade humana durante o ato tentador.

Para S. Tomás de Aquino, na questão 48 da “Ia PARS” de sua *Suma Teológica*, da mesma forma que para Agostinho, o mal não possui substância, sendo parasitário do bem:

não é possível que o mal exprima um ser, uma certa forma ou natureza. E logo conclui-se que a palavra mal exprime uma certa ausência de bem. Donde vem o dizer-se que o mal nem é existente nem é bom; pois o ser, enquanto tal, sendo bom, desaparecido este, desaparece aquele (AQUINO, 2016, p. 342).

Assim, concluímos a respeito da natureza do mal, segundo a visão de mundo cristã, que naquilo que foi criado por Deus só há bem, ao passo que o afastamento livre ou a falta de um bem anterior é o mal. Evidentemente, há uma diferença muito grande entre a definição técnica da teologia (o mal metafísico instaurado no ser das coisas) e a experiência real e concreta do mal, nas

---

15 Simbolicamente, a *Divina Comédia*, de Dante, coloca Satã até a cintura de gelo, incrustado no centro da Terra.

formas mais conhecidas de Mal, que são o moral (as ações más) e o mal físico (a dor, o sofrimento corpóreo próprio ou alheio). Para representar tal experiência empírica do mal, a literatura cumpre um importante papel, pois emulam e aprofundam os dramas existenciais em uma linguagem compartilhada.

Étienne Borne ainda comenta em seu *O problema do mal*:

Pensar no mal que existiu em minha história ou na história significa descobrir que se tornou uma verdade eterna insuportável. Essa é a razão pela qual o pensamento do mal não pode ser senão angústia e angústia metafísica, ou, se preferirmos, remorso (BORNE, 2014, p. 38).

A abordagem de Borne, como se vê, nunca perde de vista a percepção fenomenológica do mal, ou seja, o que é o mal *para um sujeito*, o que ocorre quando somos conscientes do mal. Nesse sentido, a sensação de culpa (que é fulcral no cristianismo) torna-se o próprio fundo comum dos sujeitos envolvidos no e pelo mal: “O mal torna o mundo culpado, assim sendo, somos todos culpados de estar no mundo” (BORNE, 2014, p. 39). Assim, percebemos que, mesmo com a ânsia fáustica de conhecimento se evidenciando nas descrições científicas do eu-lírico de Anjos, o problema do mal persiste e é justamente evidenciado a cada poema, como vemos, por exemplo, nos versos de “Poema negro”: “Para iludir minha desgraça, estudo. / Intimamente sei que não me iludo.”.

Contudo, convém especificar que o mal por excelência na cosmovisão do *Eu* é, sobretudo, o mal ontológico, pois o mal físico (a dor e a morte) é constituinte do *ontos*, e, em certo sentido, é o ser:

*Terás somente uma vontade cega  
E uma tendência obscura de ser vivo!*

(“A um mascarado”)

Como se vê no excerto, o mal moral não aparece em Augusto dos Anjos, uma vez que o mundo é resultado de uma vontade cega (Schopenhauer), uma força (Spencer) que torna indiferentes as noções de bem e mal moralmente entendidas:

Uma alma monista para o eu, alma cuja psicologia é identificada à materialidade dos processos físico-químicos universalmente partilhados por outros eus e não eus inorgânicos e orgânicos, minerais, vegetais e animais, todos impessoalmente irmanados nos processos biológicos de nascer, alimentar-se, crescer, reproduzir-se, morrer, apodrecer e dissolver-se (HANSEN, 2015, p. 35).

Da mesma maneira, a partir da concepção monística evolucionista, a “animalidade sem castigo” traz o corolário de que “Alguém faz um gesto consciente que foi inconscientemente feito mil anos antes por um antepassado” (HANSEN, 2015, p. 38).

*A antítese do novo e do obsoleto,  
O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,  
O que o homem ama e o que o homem abomina,  
Tudo convém para o homem ser completo.*

(“Contrastes”)

Contudo, o segredo da morte, o mistério do Eu é envolto pela tensão de uma consciência individual que se rebela contra a naturalidade da morte. Assim, se há até uma crueza quanto à naturalidade das ações humanas, como se o certo e o errado fizessem parte de uma *paisagem moral*<sup>16</sup>, não há redenção possível

---

16 Expressão consagrada pelo neurocientista Sam Harris em seu livro *A paisagem moral*: como a ciência pode determinar os valores humanos (2010), em que é sustentado que eventos mentais são produtos de eventos físicos, e o cérebro é um sistema físico sujeito às leis da natureza. Nada drasticamente distinto do que encontramos nos versos de Augusto dos Anjos.

ao mal definitivo, ao mesmo tempo em que, como Bandeira percebeu, é simbólica a ausência de poemas de amor, que o sujeito poético considerava uma mentira, um “comércio físico nefando”:

*Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!  
O amor da Humanidade é uma mentira.  
É. E é por isto que na minha lira  
De amores fúteis poucas vezes falo*

(“Idealismo”)

A realização desse projeto poético, assim nos parece, realiza-se mediante a exploração dos conteúdos associados ao problema do mal e do sofrimento: o mundo material putrefato, podre, a condição trágica, o pessimismo e a estética grotesca<sup>17</sup>. Por outro lado – e simultaneamente –, a forma é escatológica, prosaica e cientificista. Manuel Bandeira dizia que a forma de *Anjos* é similar à de *Os sertões*, de Euclides da Cunha (parecer com o qual Gullar concorda), em que a dureza, a “expressão por estampidos” (BANDEIRA, 1997, p. 432), o prosaísmo que só se veria desenvolvido no Modernismo (GULLAR, 2021), fomentam versos musicais e colados à experiência do sofrimento. Quartetos e decassílabos cadenciados, muitos sáficos, outros heróicos, rimas ricas e palavras raras, esdrúxulas, aliterações, jogos fonéticos, enfim, um conjunto estilístico em prol de uma expressão poética singular. Dos 56 poemas que compõem *Eu*, 40 são sonetos, forma consagrada por Petrarca, Camões, Shakespeare, Vinícius, Tolentino e um sem número de parnasianos e simbolistas, que seguramente influenciaram o nosso poeta. Gullar (2021, p. 59), aproveitando o relato de

17 Na acepção que Wolfgang Kayser e, sobretudo, Mikhail Bakhtin construíram. Nesse sentido, o trabalho de Rogério Caetano de Almeida: *O corpo grotesco como elemento de construção poética nas obras de Augusto dos Anjos, Mário de Sá Carneiro e Ramón López Velarde* (2007) é fundamental.

Órris Soares, aponta que Anjos começava o soneto pelo verso chave-de-ouro, para então estabelecer o restante da estrutura silogística desta forma clássica. Assim, o primor estético está associado às possibilidades de o eu poético exprimir a desgraça existencial. Dessa forma, a agonia do poeta o converte, ao invés da alcunha de *poeta da morte*, em um poeta da vida, monisticamente entendida, em que, nela, *nada se perde, tudo se transforma*.

Jorge Luis Borges escreve que “*El mundo, según Mallarmé, existe para un libro; según Bloy, somos versículos o palabras o letras de un libro mágico, y ese libro incesante es la única cosa que hay en el mundo: es, mejor dicho, el mundo*” (BORGES, 1980, p. 233), reconhecendo, assim, a justificação estética para o problema do mal e do sofrimento humano. O *Eu*, de Augusto dos Anjos, que não deixa de ser um *Nós*, parece apontar para o mesmo caminho.



## Referências

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. [Fac-símile de: Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1912] Apresentação de Ângela Bezerra de Castro e Prefácio de João Adolfo Hansen. São Paulo: BMA Edições: Edições Narval, 2015.

ANJOS, Augusto dos.. *Toda Poesia*. Com estudo crítico de Ferreira Gullar. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Alexei Bueno (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

AGOSTINHO, Santo. *O livre arbítrio*. Tradução de António Soares Pinheiro. Braga: Faculdade de Filosofia, 1990.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*: volume I (Ia Pars). Tradução de Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016.

ALMEIDA, Rogério Caetano de. *O corpo grotesco como elemento de construção poética nas obras de Augusto dos Anjos, Mário de Sá Carneiro e Ramón López Velarde*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-02102007-152309. Acesso em: 04 ago. 2023.

ARRUDA, Maria Olívia Garcia Ribeiro de. *O lamento dos oprimidos em Augusto dos Anjos*. 2009. 375 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Teoria e História Literária, IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=494024>. Acesso em: 27 jul. 2023.

BANDEIRA, Manuel. “Estudos literários”. In: BANDEIRA, Manuel. *Seleta de prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BARBOSA, Francisco de Assis. “Nota Biográfica”. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu — Outras Poesias — Poemas Esquecidos*. 30. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965.

BORGES, Jorge Luis. *Prosa completa* (Vol. II). Bruguera: Barcelona, 1980.

BORNE, Étienne. *O problema do mal: mito, razão e fé – o itinerário de uma investigação*. Tradução de Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2014.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BROCH, Hermann. “Atualidade de Joyce”. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). *Riverrun: ensaios sobre James Joyce*. Trad. Jorge Wanderley, Lya Luft, Marco Lucchesi [et al.]. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BÜHLER, Rosilma Diniz Araújo. *Trans-re-criando Augusto dos Anjos em língua alemã: trilhas sonoras de uma tradução de “Os doentes”*. 2022. 239 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36870>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental* (v. 3). São Paulo Leya, 2012.

CARPEAUX, Otto Maria. “Períodos da história literária brasileira”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos (1942-1978)*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.

CASEMIRO, Fábio Martinelli. *Augusto dos Anjos ou Incipit Tragœdia: as máscaras de Dioniso na poesia de Eu*. 2015. 182 f.

Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Teoria e História Literária, IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/965765>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor em seu tempo*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FRANCO, Mary Jane Fernandes. *Ficções do Eu: agosto dos anjos*. 2000. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira e Teoria Literária, Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/78618/174446.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 jul. 2023.

GULLAR, Ferreira. “Augusto dos Anjos ou Vida e morte nordestina”. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda Poesia*. Com estudo crítico de Ferreira Gullar. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

HANSEN, João Adolfo. “Eu, semelhante a um cachorro de atalaia”. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu*. [Fac-símile de: Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1912] Apresentação de Ângela Bezerra de Castro e Prefácio de João Adolfo Hansen. São Paulo: BMA Edições: Edições Narval, 2015.

MACIEL, Maria Ester. *O cemitério de papel: atopia de Eu*, de Augusto dos Anjos. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1978.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. São Paulo: É Realizações, 2014.

MIRANDA, Ana. *A última quimera*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

PAES, José Paulo. “Augusto dos Anjos ou o evolucionismo às avessas”. In: A. dosAnjos. *Os melhores poemas de Augusto dos Anjos*. São Paulo: Global, 1994.

VIANA,Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Editora Universitária, 1994.

ZOLA, Émile. *O romance experimental*. Tradução de Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

## Nota sobre esta edição

Para o estabelecimento do texto que se segue, foram cotejadas as seguintes edições de Eu: ANJOS, Augusto dos. Eu. [Fac-símile de: Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1912] Apresentação de Ângela Bezerra de Castro e Prefácio de João Adolfo Hansen. São Paulo: BMA Edições: Edições Narval, 2015; ANJOS, Augusto dos. Toda Poesia. Com estudo crítico de Ferreira Gullar. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021, e ANJOS, Augusto dos. Obra completa. Alexei Bueno (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. Embora o texto esteja adequado ao Acordo Ortográfico em vigência, há certas escolhas do poeta que foram mantidas em benefício de questões rítmicas, métricas ou sonoras. Ademais, foi mantida a ordem original de apresentação dos poemas, conforme se encontra no Fac-símile supracitado.

**O organizador**

## **À memória de meu pai**

À minha Mãe – Cordula C. R. dos Anjos  
À minha Mulher – Esther Fialho R. dos Anjos  
À minha filhinha – Gloria  
Aos meus irmãos

## MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

*“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Pólipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
Da substância de todas as substâncias!*

*A simbiose das coisas me equilibra.  
Em minha ignota mônada, ampla, vibra  
A alma dos movimentos rotatórios...  
E é de mim que decorrem, simultâneas  
A saúde das forças subterrâneas  
E a morbidez dos seres ilusórios!*

*Pairando acima dos mundanos tetos,  
Não conheço o acidente da **Senectus**  
— Esta universitária sanguessuga  
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,  
O amarelecimento do papyrus  
E a miséria anatômica da ruga!*

*Na existência social, possuo uma arma  
— O metafisicismo de Abidarma —  
E trago, sem bramânicas tesouras,  
Como um dorso de azêmola passiva,  
A solidariedade subjetiva  
De todas as espécies sofredoras.*

*Com um pouco de saliva quotidiana  
Mostro meu nojo à Natureza Humana.  
A podridão me serve de Evangelho...  
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques  
E o animal inferior que urra nos bosques  
É com certeza meu irmão mais velho!*

*Tal qual quem para o próprio túmulo olha,  
Amarguradamente se me antolha,  
À luz do americano plenilúnio,  
Na alma crepuscular de minha raça  
Como uma vocação para a Desgraça  
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.*

*Aí vem sujo, a coçar chagas plebeias,  
Trazendo no deserto das ideias  
O desespero endêmico do inferno,  
Com a cara hirta, tatuada de fuligens,  
Esse mineiro doido das origens,  
Que se chama o Filósofo Moderno!*

*Quis compreender, quebrando estéreis normas,  
A vida fenomênica das Formas,  
Que, iguais a fogos passageiros, luzem...  
E apenas encontrou na ideia gasta,  
O horror dessa mecânica nefasta,  
A que todas as coisas se reduzem!*

*E hão de achá-lo, amanhã, bestas agrestes,  
Sobre a esteira sarcófaga das pestes  
A mostrar, já nos últimos momentos,  
Como quem se submete a uma charqueada,  
Ao clarão tropical da luz danada,  
O espólio dos seus dedos peçonhentos.*

*Tal a finalidade dos estames!  
Mas ele viverá, rotos os liames  
Dessa estranguladora lei que aperta  
Todos os agregados perecíveis,  
Nas eterizações indefiníveis  
Da energia intra-atômica liberta!*

*Será calor, causa úbiqua de gozo,  
Raio X, magnetismo misterioso,  
Quimiotaxia, ondulação aérea,  
Fonte de repulsões e de prazeres,  
Sonoridade potencial dos seres,  
Estrangulada dentro da matéria!*



*E o que ele foi: clavículas, abdômen,  
O coração, a boca, em síntese, o Homem,  
— Engrenagem de vísceras vulgares —  
Os dedos carregados de peçonha,  
Tudo coube na lógica medonha  
Dos apodrecimentos musculares!*

*A desarrumação dos intestinos  
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos  
Dentro daquela massa que o húmus come,  
Numa glutoneria hedionda, brincam,  
Como as cadelas que as dentuças trincam  
No espasmo fisiológico da fome.*

*É uma trágica festa emocionante!  
A bacteriologia inventariante  
Toma conta do corpo que apodrece...  
E até os membros da família engulham,  
Vendo as larvas malignas que se embrulham  
No cadáver malsão, fazendo um s.*

*E foi então para isto que esse doudo  
Estragou o vibrátil plasma todo,  
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...  
Num suicídio graduado, consumir-se,  
E após tantas vigílias, reduzir-se  
À herança miserável dos micróbios!*

*Estoutro agora é o sátiro peralta  
Que o sensualismo sodomista exalta,  
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...  
Como que, em suas células vilíssimas,  
Há estratificações requintadíssimas  
De uma animalidade sem castigo.*

*Branças bacantes bêbedas o beijam.  
Suas artérias hírcicas latejam,  
Sentindo o odor das carnações abstêmias,  
E à noite, vai gozar, ébrio de vício,  
No sombrio bazar do meretrício,  
O cuspo afrodisíaco das fêmeas.*

No horror de sua anômala nevrose,  
Toda a sensualidade da simbiose,  
Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,  
Corno no babilônico **sansara**,  
Lembra a fome incoercível que escancara  
A mucosa carnívora dos lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.  
Negra paixão congênita, bastarda,  
Do seu zooplasma ofídico resulta...  
E explode, igual à luz que o ar acomete,  
Com a veemência mavórtica do ariete  
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,  
Hirto, observa através a tênue trança  
Dos filamentos fluídicos de um halo  
A destra descarnada de um duende,  
Que, Tateando nas tenebras, se estende  
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura,  
E de su'alma na caverna escura,  
Fazendo ultraepiléticos esforços,  
Acorda, com os candeeiros apagados,  
Numa coreografia de danados,  
A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!  
É a fauna cavernícola do crânio  
— Macbeths da patológica vigília,  
Mostrando, em rembrandtescas telas várias,  
As incestuosidades sanguinárias  
Que ele tem praticado na família.

As alucinações tácteis pululam.  
Sente que megatérios o estrangulam...  
A asa negra das moscas o horroriza;  
E autopsiando a amaríssima existência  
Encontra um cancro assíduo na consciência  
E três manchas de sangue na camisa!

Mingua-se o combustível da lanterna  
 E a consciência do sátiro se inferna,  
 Reconhecendo, bêbedo de sono,  
 Na própria ânsia dionísica do gozo,  
 Essa necessidade de **horroroso**,  
 Que é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova  
 De que a dor como um dardo se renova,  
 Quando o prazer barbaramente a ataca...  
 Assim também, observa a ciência crua,  
 Dentro da elipse ignívoma da lua  
 A realidade de uma esfera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,  
 Abranda as rochas rígidas, torna água  
 Todo o fogo telúrico profundo  
 E reduz, sem que, entanto, a desintegre,  
 À condição de uma planície alegre,  
 A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento  
 Pelas grandes razões do sentimento,  
 Sem os métodos da abstrusa ciência fria  
 E os trovões gritadores da dialética,  
 Que a mais alta expressão da dor estética  
 Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:  
 — O homicídio nas vielas mais escuras,  
 — O ferido que a hostil gleba atra escarva,  
 — O último solilóquio dos suicidas —  
 E eu sinto a dor de todas essas vidas  
 Em minha vida anônima de larva!"

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,  
 Da luz da lua aos pálidos venábulos,  
 Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo,  
 Julgava ouvir monótonas corujas  
 Executando, entre caveiras sujas,  
 A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

*Era a elegia panteísta do Universo,  
Na podridão do sangue humano imerso,  
Prostituído talvez, em suas bases...  
Era a canção da Natureza exausta,  
Chorando e rindo na ironia infausta  
Da incoerência infernal daquelas frases.*

*E o turbilhão de tais fonemas acres  
Trovejando grandiloquos massacres,  
Há de ferir-me as auditivas portas,  
Até que minha efêmera cabeça  
Reverta à quietação da treva espessa  
E à palidez das fotosferas mortas!*

## AGONIA DE UM FILÓSOFO

Consulto o Phtah-Hotep. Leio o obsoleto  
Rig-Veda. E, ante obras tais, me não consolo...  
O Inconsciente me assombra e eu nele rolo  
Com a eólica fúria do harmatã inquieto!

Assisto agora à morte de um inseto...!  
Ah! todos os fenômenos do solo  
Parecem realizar de polo a polo  
O ideal de Anaximandro de Mileto!

No hierático areópago heterogêneo  
Das ideias, percorro como um gênio  
Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...

Rasgo dos mundos o velário espesso;  
E em tudo, igual a Goethe, reconheço  
O império da **substância universal!**

## O MORCEGO

*Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.  
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:  
Na bruta ardência orgânica da sede,  
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.*

*“Vou mandar levantar outra parede...”  
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho  
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,  
Circularmente sobre a minha rede!*

*Pego de um pau. Esforços faço. Chego  
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.  
Que ventre produziu tão feio parto?!*

*A Consciência Humana é este morcego!  
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra  
Imperceptivelmente em nosso quarto!*

## PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.*

*Profundissimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que se escapa da boca de um cardíaco.*

*Já o verme — este operário das ruínas —  
Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,*

*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!*

## A IDEIA

*De onde ela vem?! De que matéria bruta  
Vem essa luz que sobre as nebulosas  
Cai de incógnitas criptas misteriosas  
Como as estalactites duma gruta?!*

*Vem da psicogenética e alta luta  
Do feixe de moléculas nervosas,  
Que, em desintegrações maravilhosas,  
Delibera, e depois, quer e executa!*

*Vem do encéfalo absconso que a constringe,  
Chega em seguida às cordas do laringe,  
Tísica, tênue, mínima, raquítica...*

*Quebra a força centrípeta que a amarra,  
Mas, de repente, e quase morta, esbarra  
No molambo da língua paralítica!*



## O LÁZARO DA PÁTRIA

*Filho podre de antigos Goitacases,  
Em qualquer parte onde a cabeça ponha,  
Deixa circunferências de peçonha,  
Marcas oriundas de úlceras e antrazes.*

*Todos os cinocéfalos vorazes  
Cheiram seu corpo. À noite, quando sonha,  
Sente no tórax a pressão medonha  
Do bruto embate férreo das tenazes.*

*Mostra aos montes e aos rígidos rochedos  
A hedionda elefantíase dos dedos...  
Há um cansaço no Cosmos... Anositece.*

*Riem as meretrizes no Casino,  
E o Lázaro caminha em seu destino  
Para um fim que ele mesmo desconhece!*

## IDEALIZAÇÃO DA HUMANIDADE FUTURA

*Rugia nos meus centros cerebrais  
A multidão dos séculos futuros  
— Homens que a herança de ímpetos impuros  
Tornara etnicamente irracionais! —*

*Não sei que livro, em letras garrafais,  
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,  
Realizavam-se os partos mais obscuros,  
Dentre as genealogias animais!*

*Como quem esmigalha protozoários  
Meti todos os dedos mercenários  
Na consciência daquela multidão...*

*E, em vez de achar a luz que os Céus inflama,  
Somente achei moléculas de lama  
E a mosca alegre da putrefação!*

**SONETO**

*Ao meu primeiro filho nascido  
morto com 7 meses incompletos  
2 fevereiro 1911.*

*Agregado infeliz de sangue e cal,  
Fruto rubro de carne agonizante,  
Filho da grande força fecundante  
De minha brônzea trama neuronal,*

*Que poder embriológico fatal  
Destruiu, com a sinergia de um gigante,  
Em tua **morfogênese** de infante  
A minha **morfogênese** ancestral?!*

*Porção de minha plásmica substância,  
Em que lugar irás passar a infância,  
Tragicamente anônimo, a feder?...*

*Ah! Possas tu dormir feto esquecido,  
Panteisticamente dissolvido  
Na **noumenalidade** do NÃO SER!*

**VERSOS A UM CÃO**

*Que força pôde, adstrita a embriões informes,  
Tua garganta estúpida arrancar  
Do segredo da célula ovular  
Para latir nas solidões enormes?!*

*Esta obnóxia inconsciência, em que tu dormes,  
Suficientíssima é, para provar  
A incógnita alma, avoenga e elementar  
Dos teus antepassados vermiformes.*

*Cão! — Alma de inferior rapsodo errante!  
Resigna-a, ampara-a, arrima-a, afaga-a, acode-a  
A escala dos latidos ancestrais...*

*E irá assim, pelos séculos, adiante,  
Latindo a esquisitíssima prosódia  
Da angústia hereditária dos teus pais!*

## O DEUS-VERME

*Fator universal do transformismo,  
Filho da teleológica matéria,  
Na superabundância ou na miséria,*

**Verme** — *é o seu nome obscuro de batismo.  
Jamais emprega o acérrimo exorcismo  
Em sua diária ocupação funérea,  
E vive em contubérnio com a bactéria,  
Livre das roupas do antropomorfismo.*

*Almoça a podridão das drupas agras,  
Janta hidrónicos, rói vísceras magras  
E dos defuntos novos incha a mão...*

*Ah! Para ele é que a carne podre fica,  
E no inventário da matéria rica  
Cabe aos seus filhos a maior porção!*

## DEBAIXO DO TAMARINDO

*No tempo de meu Pai, sob estes galhos,  
Como uma vela fúnebre de cera,  
Chorei bilhões de vezes com a canseira  
De inexorabilíssimos trabalhos!*

*Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,  
Guarda, como uma caixa derradeira,  
O passado da Flora Brasileira  
E a paleontologia dos Carvalhos!*

*Quando pararem todos os relógios  
De minha vida, e a voz dos necrológios  
Gritar nos noticiários que eu morri,*

*Voltando à pátria da homogeneidade,  
Abraçada com a própria Eternidade  
A minha sombra há de ficar aqui!*

## AS CISMAS DO DESTINO

### I

*Recife. Ponte Buarque de Macedo.  
Eu, indo em direção à casa do Agra,  
Assombrado com a minha sombra magra,  
Pensava no Destino, e tinha medo!*

*Na austera abóbada alta o fósforo alvo  
Das estrelas luzia... O calçamento  
Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,  
Copiava a polidez de um crânio calvo.*

*Lembro-me bem. A ponte era comprida,  
E a minha sombra enorme enchia a ponte.  
Como uma pele de rinoceronte  
Estendida por toda a minha vida!*

*A noite fecundava o ovo dos vícios  
Animais. Do carvão da treva imensa  
Caía um ar danado de doença  
Sobre a cara geral dos edifícios!*

*Tal uma horda feroz de cães famintos,  
Atravessando uma estação deserta,  
Uivava dentro do **eu**, com a boca aberta,  
A matilha espantada dos instintos!*

*Era como se, na alma da cidade,  
Profundamente lúbrica e revolta,  
Mostrando as carnes, uma besta solta  
Soltasse o berro da animalidade.*

*E aprofundando o raciocínio obscuro,  
Eu vi, então, à luz de áureos reflexos,  
O trabalho genésico dos sexos,  
Fazendo à noite os homens do Futuro.*

Livres de microscópios e escalpelos,  
Dançavam, parodiando saraus cínicos,  
Bilhões de **centrossomas** apolínicos  
Na câmara promíscua do **vitellus**.

Mas, a irritar-me os globos oculares,  
Apregoando e alardeando a cor nojenta,  
Fetos magros, ainda na placenta,  
Estendiam-me as mãos rudimentares!

Mostravam-me o apriorismo incognoscível  
Dessa fatalidade igualitária,  
Que fez minha família originária  
Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte Zunia.  
E, na ígnea crostra do Cruzeiro,  
Julgava eu ver o fúnebre candeieiro  
Que há de me alumiar na hora da morte.

Ninguém compreendia o meu soluço,  
Nem mesmo Deus! Da roupa pelas brechas,  
O vento bravo me atirava flechas  
E aplicações hiemais de gelo russo.

A vingança dos mundos astronômicos  
Enviava à terra extraordinária faca,  
Posta em rija adesão de goma laca  
Sobre os meus elementos anatômicos.

Ah! Com certeza, Deus me castigava!  
Por toda a parte, como um réu confesso,  
Havia um juiz que lia o meu processo  
E uma força especial que me esperava!

Mas o vento cessara por instantes  
Ou, pelo menos, o **ignis sapiens** do Orco  
Abafava-me o peito arqueado e porco  
Num núcleo de substâncias abrasantes.



É bem possível que eu um dia cegue.  
No ardor desta letal tórrida zona,  
A cor do sangue é a cor que me impressiona  
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.  
Não sei por que me vêm sempre à lembrança  
O estômago esfaqueado de uma criança  
E um pedaço de víscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória  
Que a minha cerebral caverna entrasse,  
E até ao fim, cortasse e recortasse  
A faculdade aziaga da memória.

Na ascensão barométrica da calma,  
Eu bem sabia, ansiado e contrafeito,  
Que uma população doente do peito  
Tossia sem remédio na minh' alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse  
Golfava, à guisa de ácido resíduo,  
Não era o cuspo só de um indivíduo  
Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza  
Era a expectoração pútrida e crassa  
Dos brônquios pulmonares de uma raça  
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha,  
Igual ao ruído de um calhau redondo  
Arremessado no apogeu do estrondo,  
Pelos fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes  
Inchava, em minha boca, de tal arte,  
Que eu, para não cuspir por toda a parte,  
Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísis!

*Na alta alucinação de minhas cismas  
O microcosmos líquido da gota  
Tinha a abundância de uma artéria rota,  
Arreventada pelos aneurismas.*

*Chegou-me o estado máximo da mágoa!  
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete  
Veze que eu me furei com um canivete,  
A hemoglobina vinha cheia de água!*

*Cuspo, cujas caudais meus beiços regam,  
Sob a forma de mínimas camândulas,  
Benditas sejam todas essas glândulas,  
Que, quotidianamente, te segregam!*

*Escarrar de um abismo noutro abismo,  
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,  
Há mais filosofia neste escarro  
Do que em toda a moral do cristianismo!*

*Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam  
Eu não deixasse o meu cuspo carrasco,  
Jamais exprimiria o acérrimo asco  
Que os canalhas do mundo me provocam!*

## II

*Foi no horror dessa noite tão funérea  
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,  
Com a força visualística do lince,  
A falta de unidade na matéria!*

*Os esqueletos desarticulados,  
Livres do acre fedor das carnes mortas,  
Rodopiavam, com as brancas tíbias tortas,  
Numa dança de números quebrados!*

*Todas as divindades malfazejas,  
Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos,  
Imitando o barulho dos engasgos,  
Davam pancadas no adro das igrejas.*

*Nessa hora de monólogos sublimes,  
A companhia dos ladrões da noite,  
Buscando uma taverna que os açoite,  
Vai pela escuridão pensando crimes.*

*Perpetravam-se os atos mais funestos,  
E o luar, da cor de um doente de icterícia,  
Iluminava, a rir, sem pudicícia,  
A camisa vermelha dos incestos.*

*Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me,  
Mas um lampião, lembrava ante o meu rosto,  
Um sugestionador olho, ali posto  
De propósito, para hipnotizar-me!*

*Em tudo, então, meus olhos distinguiram  
Da miniatura singular de uma aspa,  
À anatomia mínima da caspa,  
Embriões de mundos que não progrediram!*

*Pois quem não vê aí, em qualquer rua,  
Com a fina nitidez de um claro jorro,  
Na paciência budista do cachorro  
A alma embrionária que não continua?!*

*Ser cachorro! Ganir incompreendidos  
Verbos! Querer dizer-nos que não finge,  
E a palavra embrulhar-se no laringe,  
Escapando-se apenas em latidos!*

*Despir a putrescível forma tosca,  
Na atra dissolução que tudo inverte,  
Deixar cair sobre a barriga inerte  
O apetite necrófago da mosca!*

*A alma dos animais! Pego-a, distingo-a,  
Acho-a nesse interior duelo secreto  
Entre a ânsia de um vocábulo completo  
E uma expressão que não chegou à língua!*

Surpreendo-a em quadrilhões de corpos vivos,  
Nos antiperistálticos abalos  
Que produzem nos bois e nos cavalos  
A contração dos gritos instintivos!

Tempo viria, em que, daquele horrendo  
Caos de corpos orgânicos disformes  
Rebentariam cérebros enormes  
Como bolhas febris de água, fervendo!

Nessa época que os sábios não ensinam,  
A pedra dura, os montes argilosos  
Criariam feixes de cordões nervosos  
E o neuroplasma dos que raciocinam!

Almas pigmeias! Deus subjuga-as, cinge-as  
À imperfeição! Mas vem o Tempo, e vence-O,  
E o meu sonho crescia no silêncio,  
Maior que as epopeias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos  
Ontogênicos mais elementares,  
Desde os foraminíferos dos mares  
À grei liliputiana dos pólipos .

Todos os personagens da tragédia,  
Cansados de viver na paz de Buda,  
Pareciam pedir com a boca muda  
A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra,  
E as coisas inorgânicas mais nulas  
Apregoavam encéfalos, medulas  
Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo rijo  
Dos espongiários e dos infusórios  
Recebiam com os seus órgãos sensórios  
O triunfo emocional do regozijo!

*E apesar de já ser assim tão tarde,  
Aquela humanidade parasita,  
Como um bicho inferior, berrava, aflita,  
No meu temperamento de covarde!*

*Mas, refletindo, a sós, sobre o meu caso,  
Vi que, igual a um amniota subterrâneo,  
Jazia atravessada no meu crânio  
A intercessão fatídica do atraso!*

*A hipótese genial do microzima  
Me estrangulava o pensamento guapo,  
E eu me encolhia todo como um sapo  
Que tem um peso incômodo por cima!*

*Nas agonias do delirium tremens,  
Os bêbedos alvares que me olhavam,  
Com os copos cheios esterilizavam  
A substância prolífica dos semens!*

*Enterravam as mãos dentro das goelas,  
E sacudidos de um tremor indômito  
Expeliam, na dor forte do vômito,  
Um conjunto de gosmas amarelas.*

*Iam depois dormir nos lupanares  
Onde, na glória da concupiscência,  
Depositavam quase sem consciência  
As derradeiras forças musculares.*

*Fabricavam destarte os blastodermas,  
Em cujo repugnante receptáculo  
Minha perscrutação via o espetáculo  
De uma progênie idiota de palermas.*

*Prostituição ou outro qualquer nome,  
Por tua causa, embora o homem te aceite,  
É que as mulheres ruins ficam sem leite  
E os meninos sem pai morrem de fome!*

*Por que há de haver aqui tantos enterros?  
Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata...  
Há o malvado carbúnculo que mata  
A sociedade infante dos bezerras!*

*Quantas moças que o túmulo reclama!  
E após a podridão de tantas moças,  
Os porcos espojando-se nas poças  
Da virgindade reduzida à lama.*

*Morte, ponto final da última cena,  
Forma difusa da matéria imbele,  
Minha filosofia te repele,  
Meu raciocínio enorme te condena!*

*Diante de ti, nas catedrais mais ricas,  
Rolam sem eficácia os amuletos,  
Oh! Senhora dos nossos esqueletos  
E das caveiras diárias que fabricas!*

*E eu desejava ter, numa ânsia rara,  
Ao pensar nas pessoas que perdera,  
A inconsciência das máscaras de cera  
Que a gente prega, com um cordão, na cara!*

*Era um sonho ladrão de submergir-me  
Na vida universal, e, em tudo imerso,  
Fazer da parte abstrata do Universo,  
Minha morada equilibrada e firme!*

*Nisto, pior que o remorso do assassino,  
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,  
Numa impressionadora voz interna,  
O eco particular do meu Destino:*

### III

*“Homem! por mais que a Ideia desintegres,  
Nessas perquirições que não têm pausa,  
Jamais, magro homem, saberás a causa  
De todos os fenômenos alegres!*

*Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas  
A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,  
Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!)  
O conteúdo das lágrimas hediondas.*

*Negro e sem fim é esse em que te mergulhas  
Lugar do Cosmos, onde a dor infrene  
É feita como é feito o querosene  
Nos recôncavos úmidos das hulhas!*

*Porque, para que a Dor perscrutes, fora  
Mister que, não como és, em síntese, antes  
Fosses, a refletir teus semelhantes,  
A própria humanidade sofredora!*

*A universal complexidade é que Ela  
Compreende. E se, por vezes, se divide,  
Mesmo ainda assim, seu todo não reside  
No quociente isolado da parcela!*

*Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!  
Das papilas nervosas que há nos tatos  
Veio e vai desde os tempos mais transatos  
Para outros tempos que não de vir ainda!*

*Como o machucamento das insônias  
Te estraga, quando toda a estuada Ideia  
Dás ao sôfrego estudo da ninfeia  
E de outras plantas dicotiledôneas!*

*A diáfana água alvíssima e a horrída áscua  
Que da ígnea flama bruta, estriada, espirra;  
A formação molecular da mirra,  
O cordeiro simbólico da Páscoa;*

*As rebeladas cóleras que rugem  
No homem civilizado, e a ele se prendem  
Como às pulseiras que os mascates vendem  
A aderência teimosa da ferrugem;*

O orbe feraz que bastos tojos acres  
Produz; a rebelião que, na batalha,  
Deixa os homens deitados, sem mortalha,  
Na sangueira concreta dos massacres;

Os sanguinolentíssimos chicotes  
Da hemorragia; as nódoas mais espessas,  
O achatamento ignóbil das cabeças,  
Que ainda degrada os povos hotentotes;

O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo  
Entra, à espera que a mansa vítima o entre,  
— Tudo que gera no materno ventre  
A causa fisiológica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília,  
As aves moças que perderam a asa,  
O fogão apagado de uma casa,  
Onde morreu o chefe da família;

O trem particular que um corpo arrasta  
Sinistramente pela via férrea,  
A cristalização da massa térrea,  
O tecido da roupa que se gasta;

A água arbitrária que hiulcos caules grossos  
Carrega e come; as negras formas feias  
Dos aracnídeos e das centopeias,  
O fogo-fátuo que ilumina os ossos;

As projeções flamívomas que ofuscam,  
Como uma pincelada rembradtesca,  
A sensação que uma coalhada fresca  
Transmite às mãos nervosas dos que a buscam;

O antagonismo de Tifon e Osíris,  
O homem grande oprimindo o homem pequeno,  
A lua falsa de um parasselena,  
A mentira meteórica do arco-íris;



Os terremotos que, abalando os solos,  
Lembram paióis de pólvora explodindo,  
A rotação dos fluidos produzindo  
A depressão geológica dos pólos;

O instinto de procriar, a ânsia legítima  
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,  
O juramento dos guerreiros priscos  
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma  
Humano sofre na mania mística,  
A pesada opressão característica  
Dos 10 minutos de um acesso de asma;

E, (conquanto contra isto ódios regougues)  
A utilidade fúnebre da corda  
Que arrasta a rês, depois que a rês engorda,  
À morte desgraçada dos açougues...

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra  
Forma a complicação desse barulho  
Travado entre o dragão do humano orgulho  
E as forças inorgânicas da terra!

Por descobrir tudo isso, embalde cansas!  
Ignoto é o gérmen dessa força ativa  
Que engendra, em cada célula passiva,  
A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feto malsão, criado com os sucos  
De um leite mau, carnívoro asqueroso,  
Gerado no atavismo monstruoso  
Da alma desordenada dos malucos;

Última das criaturas inferiores  
Governada por átomos mesquinhos,  
Teu pé mata a uberdade dos caminhos  
E esteriliza os ventres geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,  
Análogo é ao que, negro e a seu turno,  
Traz o ávido filóstomo noturno  
Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes  
A perfeição dos seres existentes,  
Hás de mostrar a cárie dos teus dentes  
Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço — esta abstracção spenceriana  
Que abrange as relações de coexistência  
E só! Não tem nenhuma dependência  
Com as vértebras mortais da espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas  
Traçam, e ao espectador falsas se antolham  
São verdades de luz que os homens olham  
Sem poder, no entretanto, compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro éter pedes  
Que essa mão, de esqueléticas falanges,  
Dentro dessa água que com a vista abranges,  
Também prova o princípio de Arquimedes!

A fadiga feroz que te esbordoa  
Há de deixar-te essa medonha marca,  
Que, nos corpos inchados de anasarca,  
Deixam os dedos de qualquer pessoa!

Nem terás no trabalho que tiveste  
A misericordiosa toalha amiga,  
Que afaga os homens doentes de bexiga  
E enxuga, à noite, as pústulas da peste!

Quando chegar depois a hora tranquila,  
Tu serás arrastado, na carreira,  
Como um cepo inconsciente de madeira  
Na evolução orgânica da argila!

*Um dia comparado com um milênio  
Seja, pois, o teu último Evangelho...  
E a evolução do novo para o velho  
E do homogêneo para o heterogêneo!*

*Adeus! Fica-te aí, com o abdômen largo  
A apodrecer!... És poeira, e embalde vibras!  
O corvo que comer as tuas fibras  
Há de achar nelas um sabor amargo!”*

#### IV

*Calou-se a voz. A noite era funesta.  
E os queixos, a exhibir trismos danados,  
Eu puxava os cabelos desgrenhados  
Como o rei Lear, no meio da floresta!*

*Maldizia, com apóstrofes veementes,  
No estentor de mil línguas insurretas,  
O convencionalismo das Pandetas  
E os textos maus dos códigos recentes!*

*Minha imaginação atormentada  
Paria absurdos... Como diabos juntos,  
Perseguiam-me os olhos dos defuntos  
Com a carne da esclerótica esverdeada.*

*Secara a clorofila das lavouras.  
Igual aos sustentidos de uma endecha  
Vinha-me às cordas glóticas a queixa  
Das coletividades sofredoras.*

*O mundo resignava-se invertido  
Nas forças principais do seu trabalho...  
A gravidade era um princípio falho,  
A análise espectral tinha mentido!*

*O Estado, a Associação, os Municípios  
Eram mortos. De todo aquele mundo  
Restava um mecanismo moribundo  
E uma teleologia sem princípios.*

*Eu queria correr, ir para o inferno,  
Para que, da psiquê no oculto jogo,  
Morressem sufocadas pelo fogo  
Todas as impressões do mundo externo!*

*Mas a Terra negava-me o equilíbrio...  
Na Natureza, uma mulher de luto  
Cantava, espiando as árvores sem fruto,  
A canção prostituta do ludíbrio!*

**BUDISMO MODERNO**

*Tome, Dr., esta tesoura, e... corte  
Minha singularíssima pessoa.  
Que importa a mim que a bicharia roa  
Todo o meu coração, depois da morte?!*

*Ah! Um urubu pousou na minha sorte!  
Também, das diatomáceas da lagoa  
A criptógama cápsula se esbroa  
Ao contato de bronca destra forte!*

*Dissolva-se, portanto, minha vida  
Igualmente a uma célula caída  
Na aberração de um óvulo infecundo;*

*Mas o agregado abstrato das saudades  
Fique batendo nas perpétuas grades  
Do último verso que eu fizer no mundo!*

## SONHO DE UM MONISTA

*Eu e o esqueleto esquelido de Esquilo  
Viajávamos, com uma ânsia sibarita,  
Por toda a pró-dinâmica infinita,  
Na inconsciência de um zoófito tranquilo.*

*A verdade espantosa do **Protilo**  
Me aterrava, mas dentro da alma aflita  
Via Deus — essa mônada esquisita —  
Coordenando e animando tudo aquilo!*

*E eu bendizia, com o esqueleto ao lado,  
Na guturalidade do meu brado,  
Alheio ao velho cálculo dos dias,*

*Como um pagão no altar de Proserpina,  
A energia intracósmica divina  
Que é o pai e é a mãe das outras energias!*

## SOLITÁRIO

*Como um fantasma que se refugia  
Na solidão da natureza morta,  
Por trás dos ermos túmulos, um dia,  
Eu fui refugiar-me à tua porta!*

*Fazia frio e o frio que fazia  
Não era esse que a carne nos conforta..  
Cortava assim como em carniçaria  
O aço das facas incisivas corta!*

*Mas tu não vieste ver minha Desgraça!  
E eu saí, como quem tudo repele,  
— Velho caixão a carregar destroços —*

*Levando apenas na tumbal carcaça  
O pergaminho singular da pele  
E o chocalho fatídico dos ossos!*

**MATER ORIGINALIS**

*Forma vermicular desconhecida  
Que estacionaste, mísera e mofina,  
Como quase impalpável gelatina,  
Nos estados prodrômicos da vida;*

*O hierofante que leu a minha sina  
Ignorante é de que és, talvez, nascida  
Dessa homogeneidade indefinida  
Que o insigne Herbert Spencer nos ensina.*

*Nenhuma ignota união ou nenhum nexo  
À contingência orgânica do sexo  
A tua estacionária alma prendeu...*

*Ah! De ti foi que, autônoma e sem normas,  
Oh! Mãe original das outras formas,  
A minha forma lúgubre nasceu!*



## O LUPANAR

*Ah! Por que monstruosíssimo motivo  
Prenderam para sempre, nesta rede,  
Dentro do ângulo diedro da parede,  
A alma do homem polígamo e lascivo?!*

*Este lugar, moços do mundo, vede:  
É o grande bebedouro coletivo,  
Onde os bandalhos, como um gado vivo,  
Todas as noites, vêm matar a sede!*

*É o afrodístico leito do hetairismo,  
A antecâmara lúbrica do abismo,  
Em que é mister que o gênero humano entre,*

*Quando a promiscuidade aterradora  
Matar a última força geradora  
E comer o último óvulo do ventre!*

**IDEALISMO**

*Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!  
O amor da Humanidade é uma mentira.  
É. E é por isto que na minha lira  
De amores fúteis poucas vezes falo.*

*O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!  
Quando, se o amor que a Humanidade inspira  
É o amor do sibarita e da hetaíra,  
De Messalina e de Sardanapalo?!*

*Pois é mister que, para o amor sagrado,  
O mundo fique imaterializado  
— Alavanca desviada do seu fulcro —*

*E haja só amizade verdadeira  
Duma caveira para outra caveira,  
Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!*

## ÚLTIMO CREDO

Como ama o homem adúltero o adultério  
E o ébrio a garrafa tóxica de rum,  
Amo o coveiro — este ladrão comum  
Que arrasta a gente para o cemitério!

É o transcendentalíssimo mistério!  
É o **nous**, é o **pneuma**, é o **ego sum qui sum**,  
É a morte, é esse danado número **Um**  
Que matou Cristo e que matou Tibério!

Creio, como o filósofo mais crente,  
Na generalidade decrescente  
Com que a substância cósmica evolui...

Creio, perante a evolução imensa,  
Que o homem universal de amanhã vença  
O homem particular que eu ontem fui!

## O CAIXÃO FANTÁSTICO

*Célere ia o caixão, e, nele, inclusas,  
Cinzas, caixas cranianas, cartilagens  
Oriundas, como os sonhos dos selvagens,  
De aberratórias abstrações abstrusas!*

*Nesse caixão iam talvez as Musas,  
Talvez meu Pai! Hoffmânnicas visagens  
Enchiam meu encéfalo de imagens  
As mais contraditórias e confusas!*

*A energia monística do Mundo,  
À meia-noite, penetrava fundo  
No meu fenomenal cérebro cheio...*

*Era tarde! Fazia muito frio.  
Na rua apenas o caixão sombrio  
Ia continuando o seu passeio!*

## SOLILÓQUIO DE UM VISIONÁRIO

*Para desvirginar o labirinto  
Do velho e metafísico Mistério,  
Comi meus olhos crus no cemitério,  
Numa antropofagia de faminto!*

*A digestão desse manjar funéreo  
Tornado sangue transformou-me o instinto  
De humanas impressões visuais que eu sinto,  
Nas divinas visões do íncola etéreo!*

*Vestido de hidrogênio incandescente,  
Vaguei um século, improficuamente,  
Pelas monotonias siderais...*

*Subi talvez às máximas alturas,  
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,  
É necessário que inda eu suba mais!*

## A UM CARNEIRO MORTO

Misericordiosíssimo carneiro  
Esquartejado, a maldição de Pio  
Décimo caia em teu algoz sombrio  
E em todo aquele que for seu herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio  
Que te vender as carnes por dinheiro,  
Pois, tua lâ aquece o mundo inteiro  
E guarda as carnes dos que estão com frio!

Quando a faca rangeu no teu pescoço,  
Ao monstro que espremeu teu sangue grosso  
Teus olhos — fontes de perdão — perdoaram!

Oh! tu que no Perdão eu simbolizo,  
Se fosses Deus, no Dia do Juízo,  
Talvez perdoasses os que te mataram!

## VOZES DA MORTE

*Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,  
Tamarindo de minha desventura,  
Tu, com o envelhecimento da nervura,  
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!*

*Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!  
E a podridão, meu velho! E essa futura  
Ultrafatalidade de ossatura,  
A que nos acharemos reduzidos!*

*Não morrerão, porém, tuas sementes!  
E assim, para o Futuro, em diferentes  
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,*

*Na multiplicidade dos teus ramos,  
Pelo muito que em vida nos amamos,  
Depois da morte, inda teremos filhos!*

## INSÂNIA DE UM SIMPLES

*Em cismas patológicas insanas,  
É-me grato adstringir-me, na hierarquia  
Das formas vivas, à categoria  
Das organizações liliputianas;*

*Ser semelhante aos zoófitos e às lianas,  
Ter o destino de uma larva fria,  
Deixar enfim na cloaca mais sombria  
Este feixe de células humanas!*

*E enquanto arremedando Éolo iracundo,  
Na orgia heliogabálica do mundo,  
Ganem todos os vícios de uma vez,*

*Apraz-me, adstrito ao triângulo mesquinho  
De um delta humilde, apodrecer sozinho  
No silêncio de minha pequenez!*



## OS DOENTES

### I

*Como uma cascavel que se enroscava,  
A cidade dos lázaros dormia...  
Somente, na metrópole vazia,  
Minha cabeça autônoma pensava!*

*Mordia-me a obsessão má de que havia,  
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,  
Um fígado doente que sangrava  
E uma garganta de órfã que gemia!*

*Tentava compreender com as conceptivas  
Funções do encéfalo as substâncias vivas  
Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...*

*E via em mim, coberto de desgraças,  
O resultado de bilhões de raças  
Que há muitos anos desapareceram!*

### II

*Minha angústia feroz não tinha nome.  
Ali, na urbe natal do Desconsolo,  
Eu tinha de comer o último bolo  
Que Deus fazia para a minha fome!*

*Convulso, o vento entoava um pseudosalmo.  
Contrastando, entretanto, com o ar convulso  
A noite funcionava como um pulso  
Fisiologicamente muito calmo.*

*Caíam sobre os meus centros nervosos,  
Como os pingos ardentes de cem velas,  
O uivo desenganado das cadelas  
E o gemido dos homens bexigosos.*

*Pensava! E em que pensava, não perguntes!  
Mas, em cima de um túmulo, um cachorro  
Pedia para mim água e socorro  
À comiseração dos transeuntes!*

*Bruto, de errante rio, alto e hórrido, o urro  
Reboava. Além jazia aos pés da serra,  
Criando as superstições de minha terra,  
A queixada específica de um burro!*

*Gordo adubo da agreste urtiga brava,  
Benigna água, magnânima e magnífica,  
Em cuja álgida unção, branda e beatífica,  
A Paraíba indígena se lava!*

*A manga, a ameixa, a amêndoa, a abóbora, o álamo  
E a câmara odorífera dos sumos  
Absorvem diariamente o ubérrimo húmus  
Que Deus espalha à beira do teu tálamo!*

*Nos de teu curso desobstruídos trilhos,  
Apenas eu compreendo, em quaisquer horas,  
O hidrogênio e o oxigênio que tu choras  
Pelo falecimento dos teus filhos!*

*Ah! Somente eu compreendo, satisfeito,  
A incógnita psiquê das massas mortas  
Que dormem, como as ervas, sobre as hortas,  
Na esteira igualitária do teu leito!*

*O vento continuava sem cansaço  
E enchia com a fluidez do eólico hissopo  
Em seu fantasmagórico galope  
A abundância geométrica do espaço.*

*Meu ser estacionava, olhando os campos  
Circunjacentes. No Alto, os astros miúdos  
Reduziam os Céus sérios e rudos  
A uma epiderme cheia de sarampos!*

## III

*Dormia embaixo, com a promíscua véstia  
No embotamento crasso dos sentidos,  
A comunhão dos homens reunidos  
Pela camaradagem da moléstia.*

*Feriam-me o nervo óptico e a retina  
Aponevroses e tendões de Aquiles,  
Restos repugnantíssimos de bílis,  
Vômitos impregnados de ptialina.*

*Da degenerescência étnica do Ária  
Se escapava, entre estrépitos e estouros,  
Reboando pelos séculos vindouros,  
O ruído de uma tosse hereditária.*

*Oh! desespero das pessoas tísicas,  
Adivinhando o frio que há nas lousas,  
Maior felicidade é a destas cousas  
Submetidas apenas às leis físicas!*

*Estas, por mais que os cardos grandes rocem  
Seus corpos brutos, dores não recebem; Estas  
dos bacalhaus o óleo não bebem,  
Estas não cospem sangue, estas não tosem!*

*Descender dos macacos catarríneos, Cair  
doente e passar a vida inteira Com a boca  
junto de uma escarradeira,  
Pintando o chão de coágulos sanguíneos!*

*Sentir, adstritos ao quimiotropismo  
Erótico, os micróbios assanhados  
Passearem, como inúmeros soldados, Nas  
cancerosidades do organismo!*

*Falar somente uma linguagem rouca,  
Um português cansado e incompreensível,  
Vomitar o pulmão na noite horrível  
Em que se deita sangue pela boca!*

*Expulsar, aos bocados, a existência  
Numa bacia autômata de barro,  
Alucinado, vendo em cada escarro  
O retrato da própria consciência!*

*Querer dizer a angústia de que é pábulo,  
E com a respiração já muito fraca  
Sentir como que a ponta de uma faca,  
Cortando as raízes do último vocábulo!*

*Não haver terapêutica que arranque  
Tanta opressão como se, com efeito,  
Lhe houvessem sacudido sobre o peito  
A máquina pneumática de Bianchi!*

*E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba  
A erguer, como um cronômetro gigante,  
Marcando a transição emocionante  
Do lar materno para a catacumba!*

*Mas vos não lamenteis, magras mulheres,  
Nos ardores danados da febre hética,  
Consagrando vossa última fonética  
A uma recitação de misereres.*

*Antes levardes ainda uma quimera  
Para a garganta onívora das lajes  
Do que morrerdes, hoje, urrando ultrajes  
Contra a dissolução que vos espera!*

*Porque a morte, resfriando-vos o rosto,  
Consoante a minha concepção vesânica,  
É a alfândega, onde toda a vida orgânica  
Há de pagar um dia o último imposto!*

#### IV

*Começara a chover. Pelas algentes  
Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas,  
Encharcava os buracos das feridas,  
Alagava a medula dos Doentes!*

Do fundo do meu trágico destino,  
Onde a Resignação os braços cruza,  
Saía, com o vexame de uma fusa,  
A mágoa gaguejada de um cretino.

Aquele ruído obscuro de gagueira  
Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda,  
Vinha da vibração bruta da corda  
Mais recôndita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem  
De que, naquele instante, no Amazonas,  
Fedia, entregue a vísceras gluttonas,  
A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba  
Em que ele estava. O gênio de Colombo  
Manchou de opróbrios a alma do **mazombo**,  
Cuspiu na cova do **morubixaba!**

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,  
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,  
Esse achincalhamento do progresso  
Que o anulava na crítica da História!

Como quem analisa um apostema,  
De repente, acordando na desgraça,  
Viu toda a podridão de sua raça...  
Na tumba de Iracema!...

Ah! Tudo, como um lúgubre ciclone,  
Exercia sobre ele ação funesta  
Desde o desbravamento da floresta  
À ultrajante invenção do telefone.

E sentia-se pior que um vagabundo  
Microcéfalo vil que a espécie encerra  
Desterrado na sua própria terra,  
Diminuído na crônica do mundo!

*A hereditariedade dessa pecha  
Seguiria seus filhos. Dora em diante  
Seu povo tombaria agonizante  
Na luta da espingarda com a flecha!*

*Veio-lhe então como à fêmea vêm antojos,  
Uma desesperada ânsia improfícua  
De estrangular aquela gente iníqua  
Que progredia sobre os seus despojos!*

*Mas, diante a xantocroide raça loura,  
Jazem, caladas, todas as inúbias,  
E agora, sem difíceis nuanças dúbias,  
Com uma clarividência aterradora,*

*Em vez da prisca tribo e indiana tropa,  
A gente deste século, espantada,  
Vê somente a caveira abandonada  
De uma raça esmagada pela Europa!*

## V

*Era a hora em que arrastados pelos ventos,  
Os fantasmas hamléticos dispersos  
Atiram na consciência dos perversos  
A sombra dos remorsos famulentos.*

*As mães sem coração rogavam pragas  
Aos filhos bons. E eu, roído pelos medos,  
Batia com o pentágono dos dedos  
Sobre um fundo hipotético de chagas!*

*Diabólica dinâmica daninha  
Oprimia meu cérebro indefeso  
Com a força onerosíssima de um peso  
Que eu não sabia mesmo de onde vinha.*

*Perfurava-me o peito a áspera pua  
Do desânimo negro que me prostra,  
E quase a todos os momentos mostra  
Minha caveira aos bêbedos da rua.*

Hereditariiedades polítícas  
Punham na minha boca putrescível  
Interjeições de abracadabra horrível  
E os verbos indignados das Filípicas.

Todos os vocativos dos blasfemos,  
No horror daquela noite monstruosa,  
Maldiziam, com voz estentorosa,  
A peçonha inicial de onde nascemos.

Como que havia na ânsia de conforto  
De cada ser, ex.: o homem e o ofidio,  
Uma necessidade de suicídio  
E um desejo incoercível de ser morto!

Naquela angústia absurda e tragicômica  
Eu chorava, rolando sobre o lixo,  
Com a contorção neurótica de um bicho  
Que ingeriu 30 gramas de **nux-vômica**.

E, como um homem doido que se enforca,  
Tentava, na terráquea superfície,  
Consubstanciar-me todo com a imundície,  
Confundir-me com aquela coisa porca!

Vinha, às vezes, porém, o anelo instável  
De, com o auxílio especial do osso masséter  
Mastigando homeomérias neutras de éter  
Nutrir-me da matéria imponderável.

Anelava ficar um dia, em suma,  
Menor que o anfióxus e inferior à tênia,  
Reduzido à plastídula homogênea,  
Sem diferenciação de espécie alguma.

Era (nem sei em síntese o que diga)  
Um velhíssimo instinto atávico, era  
A saudade inconsciente da monera  
Que havia sido minha mãe antiga!

Com o horror tradicional da raiva corsa  
Minha vontade era, perante a cova,  
Arrancar do meu próprio corpo a prova  
Da persistência trágica da força.

A pragmática má de humanos usos  
Não compreende que a Morte que não dorme  
É a absorção do movimento enorme  
Na dispersão dos átomos difusos.

Não me incomoda esse último abandono.  
Se a carne individual hoje apodrece,  
Amanhã, como Cristo, reaparece  
Na universalidade do carbono!

A vida vem do éter que se condensa,  
Mas o que mais no Cosmos me entusiasma  
É a esfera microscópica do plasma  
Fazer a luz do cérebro que pensa.

Eu voltarei, cansado da árdua liça,  
À substância inorgânica primeva,  
De onde, por epigênese, veio Eva  
E a **stirpe radiolar** chamada **Actissa!**

Quando eu for misturar-me com as violetas,  
Minha lira, maior que a **Bíblia** e a **Fedra**,  
Reviverá, dando emoção à pedra,  
Na acústica de todos os planetas!

## VI

À álgida agulha, agora, alva, a saraiva  
Caindo, análoga era... Um cão agora  
Punha a atra língua hidrófoba de fora  
Em contrações miológicas de raiva.

Mas, para além, entre oscilantes chamas,  
Acordavam os bairros da luxúria...  
As prostitutas, doentes de hematúria,  
Se extenuavam nas camas.



Uma, ignóbil, derreada de cansaço,  
Quase que escangalhada pelo vício,  
Cheirava com prazer no sacrifício

A lepra má que lhe roía o braço!  
E ensanguentava os dedos da mão nívea  
Com o sentimento gasto e a emoção pobre,  
Nessa alegria bárbara que cobre  
Os saracoteamentos da lascívia...  
De certo, a perversão de que era presa  
O **sensorium** daquela prostituta  
Vinha da adaptação quase absoluta  
À ambiência microbiana da baixeza!

Entanto, virgem fostes, e, quando o éreis,  
Não tínheis ainda essa erupção cutânea,  
Nem tínheis, vítima última da insânia,  
Duas mamárias glândulas estéreis!

Ah! Certamente, não havia ainda  
Rompido, com violência, no horizonte,  
O sol malvado que secou a fonte  
De vossa castidade agora finda!

Talvez tivésseis fome, e as mãos, embalde,  
Estendestes ao mundo, até que, à toa,  
Fostes vender a virginal coroa  
Ao primeiro bandido do arrabalde.

E estais velha! — De vós o mundo é farto,  
E hoje, que a sociedade vos enxota,  
Somente as **bruxas** negras da derrota  
Frequentam diariamente vosso quarto!

Prometem-vos (quem sabe?!) entre os ciprestes  
Longe da mancebia dos alcouces,  
Nas quietudes nirvânicas mais doces,  
O noivado que em vida não tivestes!

## VII

Quase todos os lutos conjugados,  
Como uma associação de monopólio,  
Lançavam pinceladas pretas de óleo  
Na arquitetura arcaica dos sobrados.

Dentro da noite funda um braço humano  
Parecia cavar ao longe um poço  
Para enterrar minha ilusão de moço,  
Como a boca de um poço artesiano!

Atabalhoadamente pelos becos,  
Eu pensava nas coisas que perecem,  
Desde as musculaturas que apodrecem  
À ruína vegetal dos lírios secos.

Cismava no propósito funéreo  
Da mosca debochada que fareja  
O defunto, no chão frio da igreja,  
E vai depois levá-lo ao cemitério!

E esfregando as mãos magras, eu, inquieto,  
Sentia, na craniana caixa tosca,  
A racionalidade dessa mosca,  
A consciência terrível desse inseto!

Regougando, porém, **argots** e aljâmias,  
Como quem nada encontra que o perturbe,  
A energúmena grei dos ébrios da urbe  
Festjava seu sábado de infâmias.

A estática fatal das paixões cegas,  
Rugindo fundamentamente nos neurônios,  
Puxava aquele povo de demônios  
Para a promiscuidade das adegas.

E a ébria turba que escaras sujas masca,  
À falta idiossincrásica de escrúpulo,  
Absorvia com gáudio, absinto, lúpulo  
E outras substâncias tóxicas da tasca.

O ar ambiente cheirava a ácido acético,  
 Mas, de repente, com o ar de quem empesta,  
 Apareceu, escorraçando a festa,  
 A mandíbula inchada de um morfético!

Saliências polimórficas vermelhas,  
 Em cujo aspecto o olhar perspícuo prendo,  
 Punham-lhe num destaque horrendo o horrendo  
 Tamanho aberratório das orelhas.

O fâcies do morfético assombrava!  
 — Aquilo era uma negra eucaristia,  
 Onde minh'alma inteira surpreendia  
 A Humanidade que se lamentava!

Era todo o meu sonho, assim, inchado,  
 Já podre, que a morfeia miserável  
 Tornava às impressões tactis, palpável,  
 Como se fosse um corpo organizado!

## VIII

Em torno a mim, nesta hora, estriges voam,  
 E o cemitério, em que eu entrei adrede,  
 Dá-me a impressão de um **boulevard** que fede  
 Pela degradação dos que o povoam.

Quanta gente, roubada à humana coorte,  
 Morre de fome, sobre a palha espessa,  
 Sem ter, como Ugolino, uma cabeça  
 Que possa mastigar na hora da morte;

E nua, após baixar ao caos budista,  
 Vem para aqui, nos braços de um canalha,  
 Porque o madapolão para a mortalha  
 Custa 1\$200 ao lojista!

Que resta das cabeças que pensaram?!  
 E afundado nos sonhos mais nefastos,  
 Ao pegar num milhão de miolos gastos,  
 Todos os meus cabelos se arrepiaram.

Os evolucionismos benfeitores  
Que por entre os cadáveres caminham,  
Iguais a irmãs de caridade, vinham  
Com a podridão dar de comer às flores!

Os defuntos então me ofereciam  
Com as articulações das mãos inermes,  
Num prato de hospital, cheio de vermes,  
Todos os animais que apodreciam!

É possível que o estômago se afoite  
(Muito embora contra isto a alma se irrite)  
A cevar o antropófago apetite,  
Comendo carne humana, à meia-noite!

Com uma ilimitadíssima tristeza,  
Na impaciência do estômago vazio,  
Eu devorava aquele bolo frio  
Feito das podridões da Natureza!

E hirto, a camisa suada, a alma aos arrancos,  
Vendo passar com as túnicas obscuras,  
As escaveiradíssimas figuras  
Das negras desonradas pelos brancos;

Pisando, como quem salta, entre fardos,  
Nos corpos nus das moças hotentotes  
Entregues, ao clarão de alguns archotes,  
À sodomia indigna dos moscardos;

Eu maldizia o deus de mãos nefandas  
Que, transgredindo a igualitária regra  
Da Natureza, atira a raça negra  
Ao contubérnio diário das quitandas!

Na evolução de minha dor grotesca,  
Eu mendigava aos vermes insubmissos  
Como indenização dos meus serviços,  
O benefício de uma cova fresca.

*Manhã. E eis-me a absorver a luz de fora,  
Como o íncola do pólo ártico, às vezes,  
Absorve, após a noite de seis meses,  
Os raios caloríficos da aurora.*

*Nunca mais as goteiras cairiam  
Como propositais setas malvadas,  
No frio matador das madrugadas,  
Por sobre o coração dos que sofriam!*

*Do meu cérebro à absconsa tábua rasa  
Vinha a luz restituir o antigo crédito,  
Proporcionando-me o prazer inédito,  
De quem possui um sol dentro de casa.*

*Era a volúpia fúnebre que os ossos  
Me inspiravam, trazendo-me ao sol claro,  
À apreensão fisiológica do faro  
O odor cadaveroso dos destroços!*

## IX

*O inventário do que eu já tinha sido  
Espantava. Restavam só de Augusto  
A forma de um mamífero vetusto  
E a cerebralidade de um vencido!*

*O gênio procriador da espécie eterna  
Que me fizera, em vez de hiena ou lagarta,  
Uma sobrevivência de Sidarta,  
Dentro da filogênese moderna;*

*E arrancara milhares de existências  
Do ovário ignóbil de uma fauna imunda,  
Ia arrastando agora a alma infecunda  
Na mais triste de todas as falências.*

*No céu calamitoso de vingança  
Desagregava, déspota e sem normas,  
O adesionismo biôntico das formas  
Multiplicadas pela lei da herança!*

*A ruína vinha horrenda e deletéria  
Do subsolo infeliz, vinha de dentro  
Da matéria em fusão que ainda há no centro,  
Para alcançar depois a periféria!*

*Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!  
Mas, a meu ver, os sáxeos prédios tortos  
Tinham aspectos de edifícios mortos  
Decompondo-se desde os alicerces!*

*A doença era geral, tudo a extenuar-se  
Estava. O Espaço abstrato que não morre  
Cansara... O ar que, em colônias fluidas, corre,  
Parecia também desagregar-se!*

*Os pródromos de um tétano medonho  
Repuxavam-me o rosto... Hirto de espanto,  
Eu sentia nascer-me n'alma, entanto,  
O começo magnífico de um sonho!*

*Entre as formas decrepitas do povo,  
Já batiam por cima dos estragos  
A sensação e os movimentos vagos  
Da célula inicial de um Cosmos novo!*

*O letargo larvário da cidade  
Crescia. Igual a um parto, numa furna,  
Vinha da original treva noturna,  
O vagido de uma outra Humanidade!*

*E eu, com os pés atolados no Nirvana,  
Acompanhava, com um prazer secreto,  
A gestação daquele grande feto,  
Que vinha substituir a Espécie Humana!*

## ASA DE CORVO

*Asa de corvos carniceiros, asa  
De mau agouro que, nos doze meses,  
Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes  
O telhado de nossa própria casa...*

*Perseguido por todos os reveses,  
É meu destino viver junto a essa asa,  
Como a cinza que vive junto à brasa,  
Como os Goncourts, como os irmãos siameses!*

*É com essa asa que eu faço este soneto  
E a indústria humana faz o pano preto  
Que as famílias de luto martiriza...*

*É ainda com essa asa extraordinária  
Que a Morte — a costureira funerária —  
Cose para o homem a última camisa!*

## UMA NOITE NO CAIRO

Noite no Egito. O céu claro e profundo  
Fulgura. A rua é triste. A Lua Cheia  
Está sinistra, e sobre a paz do mundo  
A alma dos Faraós anda e vagueia.

Os mastins negros vão ladrando à lua...  
O Cairo é de uma formosura arcaica.  
No ângulo mais recôndito da rua  
Passa cantando uma mulher hebraica.

O Egito é sempre assim quando anoitece!  
Às vezes, das pirâmides o quedo  
E atro perfil, exposto ao luar, parece  
Uma sombria interjeição de medo!

Como um contraste àqueles misereres,  
Num quiosque em festa alegre turba grita  
E dentro dançam homens e mulheres  
Numa aglomeração cosmopolita.

Tonto de vinho, um saltimbanco da Ásia,  
Convulso e roto, no apogeu da fúria,  
Executando evoluções de **razzia**  
Solta um brado epilético de injúria!

Em derredor duma ampla mesa preta  
— Última nota do conúbio infando —  
Vêm-se dez jogadores de roleta  
Fumando, discutindo, conversando.

Resplandece a celeste superfície.  
Dorme soturna a natureza sábia...  
Embaixo, na mais próxima planície,  
Pasta um cavalo esplêndido da Arábia.



*Vaga no espaço um silfo solitário.  
Troam **kinnors**! Depois tudo é tranquilo..  
Apenas como um velho estradivário,  
Soluça toda a noite a água do Nilo!*

## O MARTÍRIO DO ARTISTA

*Arte ingrata! E conquanto, em desalento,  
A órbita elipsoidal dos olhos lhe arda,  
Busca exteriorizar o pensamento  
Que em suas fronetais células guarda!*

*Tarda-lhe a Ideia! A Inspiração lhe tarda!  
E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento,  
Como o soldado que rasgou a farda  
No desespero do último momento!*

*Tenta chorar e os olhos sente enxutos!...  
É como o paralítico que, à mímica  
Da própria voz e na que ardente o lavra*

*Febre de em vão falar, com os dedos brutos  
Para falar, puxa e repuxa a língua,  
E não lhe vem à boca uma palavra!*

## DUAS ESTROFES

(À memória de João de Deus)

*Ahi! ciechi! il tanto affaticar che giova?*

*Tutti torniamo alla gran madre antica*

*E il nostro nome appena si ritrova.*

*Petrarca*

*A queda do teu lírico arrabil  
De um sentimento português ignoto  
Lembra Lisboa, bela como um brinco,  
Que um dia no ano trágico de mil  
E setecentos e cinquenta e cinco,  
Foi abalada por um terremoto!*

*A água quieta do Tejo te abençoa.  
Tu representas toda essa Lisboa  
De glórias quase sobrenaturais,  
Apenas com uma diferença triste,  
Com a diferença que Lisboa existe  
E tu, amigo, não existes mais!*

## O MAR, A ESCADA E O HOMEM

“Olha agora, mamífero inferior,  
“À luz da epicurista **ataraxia**,  
“O fracasso de tua geografia  
“E de teu escafandro esmiuçador!

“Ah! jamais saberás ser superior,  
“Homem, a mim, conquanto ainda hoje em dia,  
“Com a ampla hélice auxiliar com que outrora ia  
“Voando ao vento o vastíssimo vapor,

“Rasgue a água hórrida a nau árdega e singre-me!”  
E a verticalidade da Escada íngreme:  
“Homem, já transpuseste os meus degraus?!”

E Augusto, o Hércules, o Homem, aos soluços,  
Ouvindo a Escada e o Mar, caiu de braços  
No pandemônio aterrador do Caos!

## DECADÊNCIA

*Iguais às linhas perpendiculares  
Caíram, como cruéis e hórridas hastas,  
Nas suas 33 vértebras gastas  
Quase todas as pedras tumulares!*

*A frialdade dos círculos polares,  
Em sucessivas atuações nefastas,  
Penetrara-lhe os próprios neuroplastas,  
Estragara-lhe os centros medulares!*

*Como quem quebra o objeto mais querido  
E começa a apanhar piedosamente  
Todas as microscópicas partículas,*

*Ele hoje vê que, após tudo perdido,  
Só lhe restam agora o último dente  
E a armação funerária das clavículas!*

## ***RICORDANZA DELLA MIA GIOVENTÚ***

*A minha ama-de-leite Guilhermina  
Furtava as moedas que o Doutor me dava.  
Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava...  
Via naquilo a minha própria ruína!*

*Minha ama, então, hipócrita, afetava  
Susceptibilidades de menina:  
“— Não, não fora ela!” — E maldizia a sina,  
Que ela absolutamente não furtava.*

*Vejo, entretanto, agora, em minha cama,  
Que a mim somente cabe o furto feito...  
Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha...*

*Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama,  
Eu furtei mais, porque furtei o peito  
Que dava leite para a tua filha!*

## A UM MASCARADO

*Rasga essa máscara ótima de seda  
E atira-a à arca ancestral dos palimpsestos...  
É noite, e, à noite, a escândalos e incestos  
É natural que o instinto humano aceda!*

*Sem que te arranquem da garganta queda  
A interjeição danada dos protestos,  
Hás de engolir, igual a um porco, os restos  
Duma comida horrivelmente azeda!*

*A sucessão de hebdômadras medonhas  
Reduzirá os mundos que tu sonhas  
Ao microcosmos do ovo primitivo...*

*E tu mesmo, após a árdua e atra refrega,  
Terás somente uma vontade cega  
E uma tendência obscura de ser vivo!*

## VOZES DE UM TÚMULO

*Morri! E a Terra — a mãe comum — o brilho  
Destes meus olhos apagou!... Assim  
Tântalo, aos reais convivas, num festim,  
Serviu as carnes do seu próprio filho!*

*Por que para este cemitério vim?!  
Por quê?! Antes da vida o angusto trilho  
Palmilhasse, do que este que palmilho  
E que me assombra, porque não tem fim!*

*No ardor do sonho que o fronema exalta  
Construí de orgulho ênea pirâmide alta...  
Hoje, porém, que se desmoronou*

*A pirâmide real do meu orgulho,  
Hoje que apenas sou matéria e entulho  
Tenho consciência de que nada sou!*



## CONTRASTES

*A antítese do novo e do obsoleto,  
O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,  
O que o homem ama e o que o homem abomina.  
Tudo convém para o homem ser completo!*

*O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto,  
Uma feição humana e outra divina  
São como a eximenina e a endimenina  
Que servem ambas para o mesmo feto!*

*Eu sei tudo isto mais do que o Eclesiastes!  
Por justaposição destes contrastes,  
Junta-se um hemisfério a outro hemisfério,*

*Às alegrias juntam-se as tristezas,  
E o carpinteiro que fabrica as mesas  
Faz também os caixões do cemitério!...*

## GEMIDOS DE ARTE

### I

*Esta desilusão que me acabrunha  
É mais traidora do que o foi Pilatos!...  
Por causa disto, eu vivo pelos matos,  
Magro, roendo a substância córnea da unha.*

*Tenho estremecimentos indecisos  
E sinto, haurindo o tépido ar sereno,  
O mesmo assombro que sentiu Parfeno  
Quando arrancou os olhos de Dionisos!*

*Em giro e em redemoinho em mim caminham  
Ríspidas mágoas estranguladoras,  
Tais quais, nos fortes fulcros, as tesouras  
Brônzeas, também giram e redemoinham.*

*Os pães — filhos legítimos dos trigos —  
Nutrem a geração do Ódio e da Guerra...  
Os cachorros anônimos da terra  
São talvez os meus únicos amigos!*

*Ah! Por que desgraçada contingência  
À hispida aresta sáxia áspera e abrupta  
Da rocha brava, numa ininterrupta  
Adesão, não preendi minha existência?!*

*Por que Jeová, maior do que Laplace,  
Não fez cair o túmulo de Plínio  
Por sobre todo o meu raciocínio  
Para que eu nunca mais raciocinasse?!*

*Pois minha Mãe tão cheia assim daqueles  
Carinhos, com que guarda meus sapatos,  
Por que me deu consciência dos meus atos  
Para eu me arrepender de todos eles?!*

Quisera, antes, mordendo glabros talos,  
Nabucodonosor ser no Pau d'Arco,  
Beber a acre e estagnada água do charco,  
Dormir na manjedoura com os cavalos!

Mas a carne é que é humana! A alma é divina.  
Dorme num leito de feridas, goza  
O lodo, apalpa a úlcera cancerosa,  
Beija a peçonha, e não se contamina!

Ser homem! Escapar de ser aborto!  
Sair de um ventre inchado que se anoja,  
Comprar vestidos pretos numa loja  
E andar de luto pelo pai que é morto!

E por trezentos e sessenta dias  
Trabalhar e comer! Martírios juntos!  
Alimentar-se dos irmãos defuntos,  
Chupar os ossos das alimarias!

Barulho de mandíbulas e abdômens!  
E vem-me com um desprezo por tudo isto  
Uma vontade absurda de ser Cristo  
Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana  
Ambição de construir para o homem uma  
Região, onde não cuspa língua alguma  
O óleo rançoso da saliva humana!

Uma região sem nódoas e sem lixos,  
Subtraída à hediondez de ínfimo casco,  
Onde a força feroz coma o carrasco  
E o olho do estuprador se encha de bichos!

Outras constelações e outros espaços  
Em que, no agudo grau da última crise,  
O braço do ladrão se paralise  
E a mão da meretriz caia aos pedaços!

## II

O sol agora é de um fulgor compacto,  
E eu vou andando, cheio de chamosco,  
Com a flexibilidade de um molusco,  
Úmido, pegajoso e untuoso ao tato!

Reúnam-se em rebelião ardente e acesa  
Todas as minhas forças emotivas  
E armem ciladas como cobras vivas  
Para despedaçar minha tristeza!

O sol de cima espiando a flora moça  
Arda, fustigue, queime, corte, morda!...  
Deleito a vista na verdura gorda  
Que nas hastes delgadas se balouça!

Avisto o vulto das sombrias granjas  
Perdidas no alto...Nos terrenos baixos,  
Das laranjeiras eu admiro os cachos  
E a ampla circunferência das laranjas.

Ladra furiosa a tribo dos podengos.  
Olhando para as pútridas charnecas  
Grita o exército avulso das marrecas  
Na úmida copa dos bambus verdoengos.

Um pássaro alvo artífice da teia  
De um ninho, salta, no árdego trabalho,  
De árvore em árvore e de galho em galho,  
Com a rapidez duma semicolcheia.

Em grandes semicírculos aduncos,  
Entrançados, pelo ar, largando pelos,  
Voam à semelhança de cabelos  
Os chicotes finíssimos dos juncos.

Os ventos vagabundos batem, bolem  
Nas árvores. O ar cheira. A terra cheira...  
E a alma dos vegetais rebenta inteira  
De todos os corpúsculos do pólen.

A câmara nupcial de cada ovário  
 Se abre. No chão coleia a lagartixa.  
 Por toda a parte a seiva bruta esguicha  
 Num extravasamento involuntário.

Eu, depois de morrer, depois de tanta  
 Tristeza, quero, em vez do nome – **Augusto**,  
 Possuir aí o nome dum arbusto  
 Qualquer ou de qualquer obscura planta!

### III

Pelo accidentalíssimo caminho  
 Faísca o sol. Nédios, batendo a cauda,  
 Urram os bois. O céu lembra uma lauda  
 Do mais incorruptível pergaminho.

Uma atmosfera má de incômoda hulha  
 Abafa o ambiente. O aziago ar morto a morte  
 Fede. O ardente calor da areia forte  
 Racha-me os pés como se fosse agulha.

Não sei que subterrânea e atra voz rouca,  
 Por saibros e por cem côncavos vales,  
 Como pela avenida das Mappales,  
 Me arrasta à casa do finado **Toca!**

Todas as tardes a esta casa venho.  
 Aqui, outrora, sem conchego nobre,  
 Viveu, sentiu e amou este homem pobre  
 Que carregava canas para o engenho!

Nos outros tempos e nas outras eras,  
 Quantas flores! Agora, em vez de flores,  
 Os musgos, como exóticos pintores,  
 Pintam caretas verdes nas taperas.

Na bruta dispersão de vítreos cacos,  
 À dura luz do sol resplandecente,  
 Trôpega e antiga, uma parede doente  
 Mostra a cara medonha dos buracos.

O cupim negro broca o âmago fino  
Do teto. E traça trombas de elefantes  
Com as circunvoluções extravagantes  
Do seu complicadíssimo intestino.

O lodo obscuro trepa-se nas portas.  
Amontoadas em grossos feixes rijos,  
As lagartixas dos esconderijos  
Estão olhando aquelas coisas mortas!

Fico a pensar no Espírito disperso  
Que, unindo a pedra ao **gneiss** e a árvore à  
criança, Como um anel enorme de aliança,  
Une todas as coisas do Universo!

E assim pensando, com a cabeça em brasas  
Ante a fatalidade que me oprime,  
Julgo ver este Espírito sublime,  
Chamando-me do sol com as suas asas!

Gosto do sol ignívomo e iracundo  
Como o réptil gosta quando se molha  
E na atra escuridão dos ares, olha  
Melancolicamente para o mundo!

Essa alegria imaterializada,  
Que por vezes me absorve, é o óbolo obscuro,  
É o pedaço já podre de pão duro  
Que o miserável recebeu na estrada!

Não são os cinco mil milhões de francos  
Que a Alemanha pediu a Jules Favre...  
É o dinheiro coberto de azinhavre  
Que o escravo ganha, trabalhando aos brancos!

Seja este sol meu último consolo;  
E o espírito infeliz que em mim se encarna  
Se alegre ao sol, como quem raspa a sarna,  
Só, com a misericórdia de um tijolo!...

*Tudo enfim a mesma órbita percorre  
E as bocas vão beber o mesmo leite...  
A lamparina quando falta o azeite  
Morre, da mesma forma que o homem morre.*

*Súbito, arrebatando a horrenda calma,  
Grito, e se grito é para que meu grito  
Seja a revelação deste Infinito  
Que eu trago encarcerado na minh'alma!*

*Sol brasileiro! Queima-me os destroços!  
Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,  
De pé, à luz da consciência infame,  
À carbonização dos próprios ossos!*

Pau d'Arco, 4-5-1907

## VERSOS DE AMOR

A um poeta erótico

*Parece muito doce aquela cana.  
Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão treda!  
O amor, poeta, é como a cana azeda,  
A toda a boca que o não prova engana.*

*Quis saber que era o amor, por experiência,  
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,  
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,  
Todas as ciências menos esta ciência!*

*Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo  
Mas certo, o egoísta amor este é que acinte  
Amas, oposto a mim. Por conseguinte  
Chamas amor aquilo que eu não chamo.*

*Oposto ideal ao meu ideal conservas.  
Diverso é, pois, o ponto outro de vista  
Consoante o qual, observo o amor, do egoísta  
Modo de ver, consoante o qual, o observas.*

*Porque o amor, tal como eu o estou amando,  
É espírito, é éter, é substância fluida,  
É assim como o ar que a gente pega e cuida,  
Cuida, entretanto, não o estar pegando!*

*É a transubstanciação de instintos rudes,  
Imponderabilíssima e impalpável,  
Que anda acima da carne miserável  
Como anda a garça acima dos açudes!*

*Para reproduzir tal sentimento  
Daqui por diante, atenta a orelha cauta,  
Como Marsias — o inventor da flauta —  
Vou inventar também outro instrumento!*



*Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo  
Ambiciono, que o idioma em que te eu falo  
Possam todas as línguas decliná-lo  
Possam todos os homens compreendê-lo!*

*Para que, enfim, chegando à última calma  
Meu podre coração roto não role,  
Integralmente desfibrado e mole,  
Como um saco vazio dentro d'alma!*

Pau d'Arco, Agosto, 1907.

## SONETOS

## A meu Pai doente

## I

*Para onde fores, Pai, para onde fores,  
Irei também, trilhando as mesmas ruas...  
Tu, para amenizar as dores tuas,  
Eu, para amenizar as minhas dores!*

*Que coisa triste! O campo tão sem flores,  
E eu tão sem crença e as árvores tão nuas  
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas  
Mágoas crescendo e se fazendo horrores!*

*Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria,  
Indiferente aos mil tormentos teus  
De assim magoar-te sem pesar havia?!*

*— Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim  
É bom, é justo, e sendo justo, Deus,  
Deus não havia de magoar-te assim!*

## II

## A meu Pai morto

*Madrugada de Treze de Janeiro.  
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.  
Meu Pai nessa hora junto a mim morria  
Sem um gemido, assim como um cordeiro!*

*E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!  
Quando acordei, cuidei que ele dormia,  
E disse à minha Mãe que me dizia:  
“Acorda-o”! deixa-o, Mãe, dormir primeiro!*

*E saí para ver a Natureza!  
Em tudo o mesmo abismo de beleza,  
Nem uma névoa no estrelado véu...*

*Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,  
Como Elias, num carro azul de glórias,  
Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!*

### III

*Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.  
Em seus lábios que os meus lábios osculam  
Microrganismos fúnebres pululam  
Numa fermentação gorda de cidra.*

*Duras leis as que os homens e a hórrida hidra  
A uma só lei biológica vinculam,  
E a marcha das moléculas regulam,  
Com a invariabilidade da clepsidra!...*

*Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos  
Roída toda de bichos, como os queijos  
Sobre a mesa de orgíacos festins!...*

*Amo meu Pai na atômica desordem  
Entre as bocas necrófagas que o mordem  
E a terra infecta que lhe cobre os rins!*

## DEPOIS DA ORGIA

O prazer que na orgia a hetaíra goza  
Produz no meu **sensorium** de bacante  
O efeito de uma túnica brilhante  
Cobrindo ampla apostema escrofulosa!

Troveja! E anelo ter, sôfrega e ansiosa,  
O sistema nervoso de um gigante  
Para sofrer na minha carne estuante  
A dor da força cósmica furiosa.

Apraz-me, enfim, despindo a última alfaia  
Que ao comércio dos homens me traz presa,  
Livre deste cadeado de peçonha,

Semelhante a um cachorro de atalaia  
Às decomposições da Natureza,  
Ficar latindo minha dor medonha!

## A ÁRVORE DA SERRA

— As árvores, meu filho, não têm alma!  
E esta árvore me serve de empecilho...  
É preciso cortá-la, pois, meu filho,  
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!  
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!  
Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...  
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:  
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”  
E quando a árvore, olhando a pátria serra,  
Caiu aos golpes do machado bronco,  
O moço triste se abraçou com o tronco  
E nunca mais se levantou da terra!

**VENCIDO**

*No auge de atordoadora e ávida sanha  
Leu tudo, desde o mais prístino mito,  
Por exemplo: o do boi Ápis do Egito  
Ao velho Niebelungen da Alemanha.*

*Acometido de uma febre estranha  
Sem o escândalo fônico de um grito,  
Mergulhou a cabeça no Infinito,  
Arrancou os cabelos na montanha!*

*Desceu depois à gleba mais bastarda,  
Pondo a áurea insígnia heráldica da farda  
A vontade do vômito plebeu...*

*E ao vir-lhe o cuspo diário à boca fria  
O vencido pensava que cuspia  
Na célula infeliz de onde nasceu.*

Paraíba, 1909

## O CORRUPIÃO

*Escaveirado corrupião idiota,  
Olha a atmosfera livre, o amplo éter belo,  
E a alga criptógama e a úsnea e o cogumelo,  
Que do fundo do chão todo o ano brota!*

*Mas a ânsia de alto voar, de à antiga rota  
Voar, não tens mais! E pois, preto e amarelo,  
Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebelo  
A gargalhada da última derrota!*

*A gaiola aboliu tua vontade.  
Tu nunca mais verás a liberdade!...  
Ah! Tu somente ainda és igual a mim.*

*Continua a comer teu milho alpiste.  
Foi este mundo que me fez tão triste,  
Foi a gaiola que te pôs assim!*

## NOITE DE UM VISIONÁRIO

Número cento e três. Rua Direita.  
Eu tinha a sensação de quem se esfola  
E inopinadamente o corpo atola  
Numa poça de carne liquefeita!

— “Que esta alucinação tátil não cresça!”  
— Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por ver-vos,  
Com a rebeldia acérrima dos nervos  
Minha atormentadíssima cabeça.

É a potencialidade que me eleva  
Ao grande Deus, e absorve em cada viagem  
Minh’alma — este sombrio personagem  
Do drama panteístico da treva!

Depois de dezesseis anos de estudo  
Generalizações grandes e ousadas  
Traziam minhas forças concentradas  
Na compreensão monística de tudo.

Mas a aguadilha pútrida o ombro inerme  
Me aspergia, banhava minhas tíbias  
E a ela se aliava o ardor das sirtes líbias,  
Cortando o melanismo da epiderme.

Arimânico gênio destrutivo  
Desconjuntava minha autônoma alma  
Ebandalhando essa unidade calma,  
Que forma a coerência do ser vivo.

E eu saí a tremer com a língua grossa  
E a volição no cúmulo do exício,  
Como quem é levado para o hospício  
Aos trambolhões, num canto de carroça!



*Perante o inexorável céu aceso  
Agregações abióticas espúrias,  
Como uma cara, recebendo injúrias,  
Recebiam os cuspos do desprezo.*

*A essa hora, nas telúrias reservas,  
O reino mineral americano  
Dormia, sob os pés do orgulho humano,  
E a cimalha minúscula das ervas.*

*E não haver quem, íntegra, lhe entregue,  
Com os ligamentos glóticos precisos,  
A liberdade de vingar em risos  
A angústia milenária que o persegue!*

*Bolia nos obscuros labirintos  
Da fértil terra gorda, úmida e fresca,  
A ínfima fauna abscondita e grotesca  
Da família bastarda dos helmintos.*

*As vegetalidades subalternas  
Que os serenos noturnos orvalhavam,  
Pela alta frieza intrínseca, lembravam  
Toalhas molhadas sobre as minhas pernas.*

*E no estrume fresquíssimo da gleba  
Formigavam, com a símplice sarcode,  
O vibrião, o ancilóstomo, o colpode  
E outros irmãos legítimos da ameba!*

*E todas essas formas que Deus lança  
No Cosmos, me pediam, com o ar horrível,  
Um pedaço de língua disponível  
Para a filogenética vingança!*

*A cidade exalava um podre báfio:  
Os anúncios das casas de comércio,  
Mais tristes que as elégias de Propércio,  
Pareciam talvez meu epitáfio.*

O motor teleológico da Vida  
Parara! Agora, em diástoles de guerra,  
Vinha do coração quente da terra  
Um rumor de matéria dissolvida.

A química feroz do cemitério  
Transformava porções de átomos juntos  
No óleo malsão que escorre dos defuntos,  
Com a abundância de um **geyser** deletério.

Dedos denunciadores escreviam  
Na lúgubre extensão da rua preta  
Todo o destino negro do planeta,  
Onde minhas moléculas sofriam.

Um necrófilo mau forçava as lousas  
E eu — coetâneo do horrendo cataclismo —  
Era puxado para aquele abismo  
No redemoinho universal das cousas!

## ALUCINAÇÃO À BEIRA-MAR

*Um medo de morrer meus pés esfriava.  
Noite alta. Ante o telúrico recorte,  
Na diuturna discórdia, a equórea coorte  
Atordoadoramente ribombava!*

*Eu, ególatra céptico, cismava  
Em meu destino!... O vento estava forte  
E aquela matemática da Morte  
Com os seus números negros, me assombrava!*

*Mas a alga usufrutuária dos oceanos  
E os malacopterígio subraquianos  
Que um castigo de espécie emudeceu,*

*No eterno horror das convulsões marítimas,  
Pareciam também corpos de vítimas  
Condenadas à Morte, assim como eu!*

## VANDALISMO

*Meu coração tem catedrais imensas,  
Templos de priscas e longínquas datas,  
Onde um nume de amor, em serenatas,  
Canta a aleluia virginal das crenças.*

*Na ogiva fúlgida e nas colunatas  
Vertem lustrais irradiações intensas  
Cintilações de lâmpadas suspensas  
E as ametistas e os florões e as pratas.*

*Com os velhos Templários medievais  
Entrei um dia nessas catedrais  
E nesses templos claros e risonhos...*

*E erguendo os gládios e brandido as hastas,  
No desespero dos iconoclastas  
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!*

Pau d'Arco, 1904

**VERSOS ÍNTIMOS**

*Vês?! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão — esta pantera —  
Foi tua companheira inseparável!*

*Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.*

*Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.*

*Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!*

Pau d'Arco, 1901

**VENCEDOR**

*Toma as espadas rútilas, guerreiro,  
E à rutilância das espadas, toma  
A adaga de aço, o gládio de aço, e doma  
Meu coração — estranho carniceiro!*

*Não podes?! Chama então presto o primeiro  
E o mais possante gladiador de Roma.  
E qual mais pronto, e qual mais presto assoma,  
Nenhum pôde domar o prisioneiro.*

*Meu coração triunfava nas arenas.  
Veio depois um domador de hienas  
E outro mais, e, por fim, veio um atleta,*

*Vieram todos, por fim; ao todo, uns cem..  
E não pôde domá-lo, enfim, ninguém,  
Que ninguém doma um coração de poeta!*

Pau d'Arco, 1902

## A ILHA DE CIPANGO

*Estou sozinho! A estrada se desdobra  
Como uma imensa e rutilante cobra  
De epiderme finíssima de areia...  
E por essa finíssima epiderme  
Eis-me passeando como um grande verme  
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!*

*A agonia do sol vai ter começo!  
Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço  
Preces a Deus de amor e de respeito  
E o Ocaso que nas águas se retrata  
Nitidamente reproduz, exata,  
A saudade interior que há no meu peito...*

*Tenho alucinações de toda a sorte...  
Impressionado sem cessar com a Morte  
E sentindo o que um lázaro não sente,  
Em negras nuances lúgubres e aziagas  
Vejo terribilíssimas adagas,  
Atravessando os ares bruscamente.*

*Os olhos volvo para o céu divino  
E observo-me pigmeu e pequenino  
Através de minúsculos espelhos.  
Assim, quem diante duma cordilheira,  
Pára, entre assombros, pela vez primeira,  
Sente vontade de cair de joelhos!*

*Soa o rumor fatídico dos ventos,  
Anunciando desmoronamentos  
De mil lajedos sobre mil lajedos...  
E ao longe soam trágicos fracassos  
De heróis, partindo e fraturando os braços  
Nas pontas escarpadas dos rochedos!*

*Mas de repente, num enleio doce,  
Qual se num sonho arrebatado fosse,  
Na ilha encantada de Cipango tomo,  
Da qual, no meio, em luz perpétua, brilha  
A árvore da perpétua maravilha,  
À cuja sombra descansou Colombo!*

*Foi nessa ilha encantada de Cipango,  
Verde, afetando a forma de um losango,  
Rica, ostentando amplo floral risonho,  
Que Toscanelli viu seu sonho extinto  
E como sucedeu a Afonso Quinto  
Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!*

*Lembro-me bem. Nesse maldito dia  
O gênio singular da Fantasia  
Convidou-me a sorrir para um passeio...  
Iríamos a um país de eternas pazes  
Onde em cada deserto há mil oásis  
E em cada rocha um cristalino veio.*

*Gozei numa hora séculos de afagos,  
Banhei-me na água de risonhos lagos,  
E finalmente me cobri de flores...  
Mas veio o vento que a Desgraça espalha  
E cobriu-me com o pano da mortalha,  
Que estou cosendo para os meus amores!*

*Desde então para cá fiquei sombrio!  
Um penetrante e corrosivo frio  
Anestesiou-me a sensibilidade  
E a grandes golpes arrancou as raízes  
Que prendiam meus dias infelizes  
A um sonho antigo de felicidade!*

*Invoco os Deuses salvadores do erro.  
A tarde morre. Passa o seu enterro!...  
A luz descreve ziguezagues tortos  
Enviando à terra os derradeiros beijos.  
Pela estrada feral dois realejos  
Estão chorando meus amores mortos!*



*E a treva ocupa toda a estrada longa...  
O Firmamento é uma caverna oblonga  
Em cujo fundo a Via-Láctea existe.  
E como agora a lua cheia brilha!  
Ilha maldita vinte vezes a ilha  
Que para todo o sempre me fez triste!*

Pau d'Arco, 1904

**MATER**

Como a crisálida emergindo do ovo  
Para que o campo flórido a concentre,  
Assim, oh! Mãe, sujo de sangue, um novo  
Ser, entre dores, te emergiu do ventre!

E puseste-lhe, haurindo amplo deleite,  
No lábio róseo a grande teta farta  
— Fecunda fonte desse mesmo leite  
Que amamentou os éfebos de Esparta. —

Com que avidez ele essa fonte suga!  
Ninguém mais com a Beleza está de acordo,  
Do que essa pequenina sanguessuga,  
Bebendo a vida no teu seio gordo!

Pois, quanto a mim, sem pretensões, comparo,  
Essas humanas coisas pequeninas  
A um **biscuit** de quilate muito raro  
Exposto aí, à amostra, nas vitrinas.

Mas o ramo fragílimo e venusto  
Que hoje nas débeis gêmulas se esboça,  
Há de crescer, há de tornar-se arbusto  
E álamo altivo de ramagem grossa.

Clara, a atmosfera se encherá de aromas,  
O Sol virá das épocas sadias...  
E o antigo leão, que te esgotou as pomas,  
Há de beijar-te as mãos todos os dias!

Quando chegar depois tua velhice  
Batida pelos bárbaros invernos,  
Relembrarás chorando o que eu te disse,  
À sombra dos sicômoros eternos!

**POEMA NEGRO**

A Santos Neto

*Para iludir minha desgraça, estudo.  
Intimamente sei que não me iludo.  
Para onde vou (o mundo inteiro o nota)  
Nos meus olhares fúnebres, carrego  
A indiferença estúpida de um cego  
E o ar indolente de um chinês idiota!*

*A passagem dos séculos me assombra.  
Para onde irá correndo minha sombra  
Nesse cavalo de eletricidade?!  
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:  
— Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?  
E parece-me um sonho a realidade.*

*Em vão com o grito do meu peito impreco!  
Dos brados meus ouvindo apenas o eco,  
Eu torço os braços numa angústia douda  
E muita vez, à meia-noite, rio  
Sinistramente, vendo o verme frio  
Que há de comer a minha carne toda!*

*É a Morte — esta carnívora assanhada—  
Serpente má de língua envenenada  
Que tudo que acha no caminho, come...  
— Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro,  
Sai para assassinar o mundo inteiro,  
E o mundo inteiro não lhe mata a fome!*

*Nesta sombria análise das cousas,  
Corro. Arranco os cadáveres das lousas  
E as suas partes podres examino...  
Mas de repente, ouvindo um grande estrondo,  
Na podridão daquele embrulho hediondo  
Reconheço assombrado o meu Destino!*

Surpreendo-me, sozinho, numa cova.  
Então meu desvario se renova...  
Como que, abrindo todos os jazigos,  
A Morte, em trajes pretos e amarelos  
Levanta contra mim grandes cutelos  
E as baionetas dos dragões antigos!

E quando vi que aquilo vinha vindo  
Eu fui caindo como um sol caindo  
De declínio em declínio; e de declínio  
Em declínio, com a gula de uma fera,  
Quis ver o que era, e quando vi o que era,  
Vi que era pó, vi que era esterquilínio!

Chegou a tua vez, oh! Natureza!  
Eu desafio agora essa grandeza,  
Perante a qual meus olhos se extasiam...  
Eu desafio, desta cova escura,  
No histerismo danado da tortura  
Todos os monstros que os teus peitos criam.

Tu não és minha mãe, velha nefasta!  
Com o teu chicote frio de madrasta  
Tu me açoitaste vinte e duas vezes...  
Por tua causa apodreci nas cruces,  
Em que pregas os filhos que produzes  
Durante os desgraçados nove meses!

Semeadora terrível de defuntos,  
Contra a agressão dos teus contrastes juntos  
A besta, que em mim dorme, acorda em berros;  
Acorda, e após gritar a última injúria,  
Chocalha os dentes com medonha fúria  
Como se fosse o atrito de dois ferros!

Pois bem! Chegou minha hora de vingança.  
Tu mataste o meu tempo de criança  
E de segunda-feira até domingo,  
Amarrado no horror de tua rede,  
Deste-me fogo quando eu tinha sede...  
Deixa-te estar, canalha, que eu me vingo!

Súbito outra visão negra me espanta!  
Estou em Roma. É Sexta-feira Santa.  
A treva invade o obscuro orbe terrestre.  
No Vaticano, em grupos prosternados,  
Com as longas fardas rubras, os soldados  
Guardam o corpo do Divino Mestre.

Como as estalactites da caverna,  
Cai no silêncio da Cidade Eterna  
A água da chuva em largos fios grossos...  
De Jesus Cristo resta unicamente  
Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente  
Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!

Não há ninguém na estrada da Ripetta.  
Dentro da Igreja de São Pedro, quieta,  
As luzes funerais arquejam fracas...  
O vento entoa cânticos de morte.  
Roma estremece! Além, num rumor forte,  
Recomeça o barulho das matracas.

A desagregação da minha Ideia  
Aumenta. Como as chagas da morféia  
O medo, o desalento e o desconforto  
Paralisam-me os círculos motores.  
Na Eternidade, os ventos gemedores  
Estão dizendo que Jesus é morto!

Não! Jesus não morreu! Vive na serra  
Da Borborema, no ar de minha terra,  
Na molécula e no átomo... Resume  
A espiritualidade da matéria  
E ele é que embala o corpo da miséria  
E faz da cloaca uma urna de perfume.

Na agonia de tantos pesadelos  
Uma dor bruta puxa-me os cabelos.  
Desperto. É tão vazia a minha vida!  
No pensamento desconexo e falho  
Trago as cartas confusas de um baralho  
E um pedaço de cera derretida!

*Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme.  
Eu, somente eu, com a minha dor enorme  
Os olhos ensanguento na vigília!  
E observo, enquanto o horror me corta a fala,  
O aspecto sepulcral da austera sala  
E a impassibilidade da mobília.*

*Meu coração, como um cristal, se quebre;  
O termômetro negue minha febre,  
Torne-se gelo o sangue que me abrasa,  
E eu me converta na cegonha triste  
Que das ruínas duma casa assiste  
Ao desmoronamento de outra casa!*

*Ao terminar este sentido poema  
Onde vazei a minha dor suprema  
Tenho os olhos em lágrimas imersos...  
Rola-me na cabeça o cérebro oco.  
Por ventura, meu Deus, estarei louco?!  
Daqui por diante não farei mais versos.*

Paraíba, 1906

## ETERNA MÁGOA

*O homem por sobre quem caiu a praga  
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste  
Para todos os séculos existe  
E nunca mais o seu pesar se apaga!*

*Não crê em nada, pois, nada há que traga  
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.  
Quer resistir, e quanto mais resiste  
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.*

*Sabe que sofre, mas o que não sabe  
É que essa mágoa infinda assim não cabe  
Na sua vida, é que essa mágoa infinda*

*Transpõe a vida do seu corpo inerte;  
E quando esse homem se transforma em verme  
É essa mágoa que o acompanha ainda!*

Pau d'Arco ,1904

## QUEIXAS NOTURNAS

*Quem foi que viu a minha Dor chorando?!  
Saio. Minh'alma sai agoniada.  
Andam monstros sombrios pela estrada  
E pela estrada, entre estes monstros, ando!*

*Não trago sobre a túnica fingida  
As insígnias medonhas do infeliz  
Como os falsos mendigos de Paris  
Na atra rua de Santa Margarida.*

*O quadro de aflições que me consomem  
O próprio Pedro Américo não pinta...  
Para pintá-lo, era preciso a tinta  
Feita de todos os tormentos do homem!*

*Como um ladrão sentado numa ponte  
Espera alguém, armado de arcabuz,  
Na ânsia incoercível de roubar a luz,  
Estou à espera de que o Sol desponte!*

*Bati nas pedras dum tormento rude  
E a minha mágoa de hoje é tão intensa  
Que eu penso que a Alegria é uma doença  
E a Tristeza é minha única saúde.*

*As minhas roupas, quero até rompê-las!  
Quero, arrancado das prisões carnavais,  
Viver na luz dos astros imortais,  
Abraçado com todas as estrelas!*

*A Noite vai crescendo apavorante  
E dentro do meu peito, no combate,  
A Eternidade esmagadora bate  
Numa dilatação exorbitante!*



*E eu luto contra a universal grandeza  
Na mais terrível desesperação...  
É a luta, é o prélio enorme, é a rebelião  
Da criatura contra a natureza!*

*Para essas lutas uma vida é pouca  
Inda mesmo que os músculos se esforcem;  
Os pobres braços do mortal se torcem  
E o sangue jorra, em coalhos, pela boca.*

*E muitas vezes a agonia é tanta  
Que, rolando dos últimos degraus,  
O Hércules treme e vai tombar no caos  
De onde seu corpo nunca mais levanta!*

*É natural que esse Hércules se estorça,  
E tombe para sempre nessas lutas,  
Estrangulado pelas rodas brutas  
Do mecanismo que tiver mais força.*

*Ah! Por todos os séculos vindouros  
Há de travar-se essa batalha vã  
Do dia de hoje contra o de amanhã,  
Igual à luta dos cristãos e mouros!*

*Sobre histórias de amor o interrogar-me  
É vão, é inútil, é improfícuo, em suma;  
Não sou capaz de amar mulher alguma  
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.*

*O amor tem favos e tem caldos quentes  
E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal;  
O coração do Poeta é um hospital  
Onde morreram todos os doentes.*

*Hoje é amargo tudo quanto eu gosto;  
A bênção matutina que recebo...  
E é tudo: o pão que como, a água que bebo,  
O velho tamarindo a que me encosto!*

*Vou enterrar agora a harpa boêmia  
Na atra e assombrosa solidão feroz  
Onde não cheguem o eco duma voz  
E o grito desvairado da blasfêmia!*

*Que dentro de minh'alma americana  
Não mais palpite o coração — esta arca,  
Este relógio trágico que marca  
Todos os atos da tragédia humana!*

*Seja esta minha queixa derradeira  
Cantada sobre o túmulo de Orfeu;  
Seja este, enfim, o último canto meu  
Por esta grande noite brasileira!*

*Melancolia! Estende-me a tu'asa!  
És a árvore em que devo reclinar-me...  
Se algum dia o Prazer vier procurar-me  
Dize a este monstro que eu fugi de casa!*

Pau d'Arco -1906

## INSÔNIA

Noite. Da mágoa o espírito noctâmbulo  
 Passou de certo por aqui chorando!  
 Assim, em mágoa, eu também vou passando  
 Sonâmbulo... sonâmbulo... sonâmbulo...

Que voz é esta que a gemer concentro  
 No meu ouvido e que do meu ouvido  
 Como um bemol e como um susenido  
 Rola impetuosa por meu peito adentro?!

— Por que é que este gemido me acompanha?!  
 Mas dos meus olhos no sombrio palco  
 Súbito surge como um catafalco  
 Uma cidade ao mapa-múndi estranha.

A dispersão dos sonhos vagos reúno.  
 Desta cidade pelas ruas erra  
 A procissão dos Mártires da Terra  
 Desde os Cristãos até Giordano Bruno!

Vejo diante de mim Santa Francisca  
 Que com o cilício as tentações suplanta,  
 E invejo o sofrimento desta Santa,  
 Em cujo olhar o Vício não faísca!

Se eu pudesse ser puro! Se eu pudesse,  
 Depois de embebedado deste vinho,  
 Sair da vida puro como o arminho  
 Que os cabelos dos velhos embranquece!

Por que cumpri o universal ditame!?  
 Pois se eu sabia onde morava o Vício,  
 Por que não evitei o precipício  
 Estrangulando minha carne infame?!

Até que dia o intoxicado aroma  
Das paixões torpes sorverei contente?  
E os dias correrão eternamente?!  
E eu nunca sairei desta Sodoma?!

À proporção que a minha insônia aumenta  
Hieróglifos e esfinges interrogo...  
Mas, triunfalmente, nos céus altos, logo  
Toda a alvorada esplêndida se ostenta.

Vagueio pela Noite decaída...  
No espaço a luz de Aldebarã e de Árgus  
Vai projetando sobre os campos largos  
O derradeiro fósforo da Vida.

O Sol, equilibrando-se na esfera,  
Restitui-me a pureza da hematose  
E então uma interior metamorfose  
Nas minhas arcas cerebrais se opera.

O odor da margarida e da begônia  
Subitamente me penetra o olfato...  
Aqui, neste silêncio e neste mato,  
Respira com vontade a alma campônia!

Grita a satisfação na alma dos bichos.  
Incensa o ambiente o fumo dos cachimbos.  
As árvores, as flores, os corimbos  
Recordam santos nos seus próprios nichos.

Com o olhar a verde periferia abarco.  
Estou alegre. Agora, por exemplo,  
Cercado destas árvores, contemplo  
As maravilhas reais do meu Pau d'Arco.

Cedo virá, porém, o funerário,  
Atro dragão da escura noite, hedionda,  
Em que o Tédio, batendo na alma, estronda  
Como um grande trovão extraordinário.

*Outra vez serei pábulo do susto  
E terei outra vez de, em mágoa imerso,  
Sacrificar-me por amor do Verso  
No meu eterno leito de Procusto!*

Pau d'Arco, 1905

## BARCAROLA

*Cantam nautas, choram flautas  
Pelo mar e pelo mar  
Uma sereia a cantar  
Vela o Destino dos nautas.*

*Espelham-se os esplendores  
Do céu, em reflexos, nas  
Águas, fingindo cristais  
Das mais deslumbrantes cores.*

*Em fulvos filões doirados  
Cai a luz dos astros por  
Sobre o marítimo horror  
Como globos estrelados.*

*Lá onde as rochas se assentam  
Fulguram como outros sóis  
Os flamívomos faróis  
Que os navegantes orientam.*

*Vai uma onda, vem outra onda  
E nesse eterno vaivém  
Coitadas! não acham quem,  
Quem as esconda, as esconda...*

*Alegoria tristonha  
Do que pelo Mundo vai!  
Se um sonha e se ergue, outro cai;  
Se um cai, outro se ergue e sonha.*

*Mas desgraçado do pobre  
Que em meio da Vida cai!  
Esse não volta, esse vai  
Para o túmulo que o cobre.*

Vagueia um poeta num barco.  
O Céu, de cima, a luzir  
Como um diamante de Ofir  
Imita a curva de um arco.

A Lua — globo de louça —  
Surgiu, em lúcido véu.  
Cantam! Os astros do Céu  
Ouçam e a Lua Cheia ouça!

Ouçã do alto a Lua Cheia  
Que a sereia vai falar...  
Haja silêncio no mar  
Para se ouvir a sereia.

Que é que ela diz?! Será uma  
História de amor feliz?  
Não! O que a sereia diz  
Não é história nenhuma.

É como um **requiem** profundo  
De tristíssimos bemóis...  
Sua voz é igual à voz  
Das dores todas do mundo.

“Fecha-te nesse medonho  
“Reduto de Maldição,  
“Viajeiro da Extrema-Unção,  
“Sonhador do último sonho!

“Numa redoma ilusória  
“Cercou-te a glória falaz,  
“Mas nunca mais, nunca mais  
“Há de cercar-te essa glória!

“Nunca mais! Sê, porém, forte.  
“O poeta é como Jesus!  
“Abraça-te à tua Cruz  
“E morre, poeta da Morte!”

— E disse e porque isto disse  
O luar no Céu se apagou...  
Súbito o barco tombou  
Sem que o poeta o pressentisse!

Vista de luto o Universo  
E Deus se enlute no Céu!  
Mais um poeta que morreu,  
Mais um coveiro do Verso!

Cantam nautas, choram flautas  
Pelo mar e pelo mar  
Uma sereia a cantar  
Vela o Destino dos nautas!



## TRISTEZAS DE UM QUARTO MINGUANTE

Quarto Minguante! E, embora a lua o aclare,  
Este **Engenho Pau d'Arco** é muito triste...  
Nos engenhos da **várzea** não existe  
Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que eu estou situado  
A lua magra, quando a noite cresce,  
Vista, através do vidro azul, parece  
Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo.  
Tenho 300 quilos no epigastro...  
Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro  
Lembra a metade de uma casca de ovo.

Diabo! não ser mais tempo de milagre!  
Para que esta opressão desapareça  
Vou amarrar um pano na cabeça,  
Molhar a minha frente com vinagre.

Aumentam-se-me então os grandes medos.  
O hemisfério lunar se ergue e se abaixa  
Num desenvolvimento de borracha,  
Variando à ação mecânica dos dedos!

Vai-me crescendo a aberração do sonho.  
Morde-me os nervos o desejo doudo  
De dissolver-me, de enterrar-me todo  
Naquele semicírculo medonho!

Mas tudo isto é ilusão de minha parte!  
Quem sabe se não é porque não saio  
Desde que, 6<sup>a</sup> feira, 3 de maio,  
Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?!

A lâmpada a estirar línguas vermelhas  
Lambe o ar. No bruto horror que me arrebatava,  
Como um degenerado psicopata  
Eis-me a contar o número das telhas!

— Uma, duas, três, quatro... E aos tombos, tonta  
Sinto a cabeça e a conta perco; e, em suma,  
A conta recomeço, em ânsias: — Uma...  
Mas novamente eis-me a perder a conta!

Sucede a uma tontura outra tontura.  
— Estarei morto?! E a esta pergunta estranha  
Responde a Vida — aquela grande aranha  
Que anda tecendo a minha desventura!—

A luz do quarto diminuindo o brilho  
Segue todas as fases de um eclipse...  
Começo a ver coisas de Apocalipse  
No triângulo escaleno do ladrilho!

Deito-me enfim. Ponho o chapéu num gancho.  
Cinco lençóis balançam numa corda,  
Mas aquilo mortalhas me recorda,  
E o amontoamento dos lençóis desmancho.

Vêm-me à imaginação sonhos dementes.  
Acho-me, por exemplo, numa festa...  
Tomba uma torre sobre a minha testa,  
Caem-me de uma só vez todos os dentes!

Então dois ossos roídos me assombraram...  
— “Por ventura haverá quem queira roer-nos?!  
Os vermes já não querem mais comer-nos  
E os formigueiros já nos desprezaram.”

Figuras espectrais de bocas tronchas  
Tornam-me o pesadelo duradouro...  
Choro e quero beber a água do choro  
Com as mãos dispostas à feição de conchas.

*Tal uma planta aquática submersa,  
Antegozando as últimas delícias  
Mergulho as mãos — vis raízes adventícias —  
No algodão quente de um tapete persa.*

*Por muito tempo rolo no tapete.  
Súbito me ergo. A lua é morta. Um frio  
Cai sobre o meu estômago vazio  
Como se fosse um copo de sorvete!*

*A alta frialdade me insensibiliza;  
O suor me ensopa. Meu tormento é infindo...  
Minha família ainda está dormindo  
E eu não posso pedir outra camisa!*

*Abro a janela. Elevam-se fumaças  
Do engenho enorme. A luz fulge abundante  
E em vez do sepulcral Quarto Minguante  
Vi que era o sol batendo nas vidraças.*

*Pelos respiratórios tênues tubos  
Dos poros vegetais, no ato da entrega  
Do mato verde, a terra resfolega  
Estrumada, feliz, cheia de adubos.*

*Côncavo, o Céu, radiante e estriado, observa  
A universal criação. Broncos e feios,  
Vários reptis cortam os campos, cheios  
Dos tenros tinhorões e da úmida erva.*

*Babujada por baixos beiços brutos,  
No húmus feraz, hierática, se ostenta  
A monarquia da árvore opulenta  
Que dá aos homens o óbolo dos frutos.*

*De mim diverso, rígido e de rastos  
Com a solidez do tegumento sujo  
Sulca, em diâmetro, o solo um caramujo  
Naturalmente pelos mata-pastos.*

*Entretanto, passei o dia inquieto,  
A ouvir, nestes bucólicos retiros,  
Toda a salva fatal de 21 tiros  
Que festejou os funerais de Hamleto!*

*Ah! Minha ruína é pior do que a de Tebas!  
Quisera ser, numa última cobiça,  
A fatia esponjosa de carniça  
Que os corvos comem sobre as jurubebas!*

*Porque, longe do pão com que me nutres  
Nesta hora, oh! Vida, em que a sofrer me exortas  
Eu estaria como as bestas mortas  
Pendurado no bico dos abutres!*

Pau d'Arco, maio, 1907

## MISTÉRIOS DE UM FÓSFORO

Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o ainda. Risco-o  
 Depois. E o que depois fica e depois  
 Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois  
 Túmulos dentro de um carvão promíscuo.

Dois são, porque um, certo, é do sonho assíduo  
 Que a individual psiquê humana tece e  
 O outro é o do sonho altruístico da espécie  
 Que é o **subtractum** dos sonhos do indivíduo!

E exclamo, ébrio, a esvaziar báquicos odres:  
 — “Cinza, síntese má da podridão,  
 “Miniatura alegórica do chão,  
 “Onde os ventres maternos ficam podres;

“Na tua clandestina e erma alma vasta,  
 “Onde nenhuma lâmpada se acende,  
 “Meu raciocínio sôfrego surpreende  
 “Todas as formas da matéria gasta!”

Raciocinar! Aziaga contingência!  
 Ser quadrúpede! Andar de quatro pés  
 É mais do que ser Cristo e ser Moisés  
 Porque é ser animal sem ter consciência!

Bêbedo, os beiços na ânfora ínfima, harto,  
 Mergulho, e na ínfima ânfora, harto, sinto  
 O amargor específico do absinto  
 E o cheiro animalíssimo do parto!

E afogo mentalmente os olhos fundos  
 Na amorfia da cítula inicial,  
 De onde, por epigênese geral,  
 Todos os organismos são oriundos.

Presto, irrupto, através ovoide e hialino  
 Vidro, aparece, amorfo e lúrido, ante  
 Minha massa encefálica minguante  
 Todo o gênero humano intrauterino!

É o caos da ávita víscera avarenta  
 — Mucosa nojentíssima de pus,  
 A nutrir diariamente os fetos nus  
 Pelas vilosidades da placenta! —

Certo, o arquitetural e íntegro aspecto  
 Do mundo o mesmo inda é, que, ora, o que nele  
 Morre, sou eu, sois vós, é todo aquele  
 Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!

É a flor dos genealógicos abismos  
 — Zooplasma pequeníssimo e plebeu,  
 De onde o desprotegido homem nasceu  
 Para a fatalidade dos tropismos. —

Depois, é o céu abscondito do Nada,  
 É este ato extraordinário de morrer  
 Que há de, na última hebdômada, atender  
 Ao pedido da célula cansada!

Um dia restará, na terra instável,  
 De minha antropocêntrica matéria  
 Numa côncava xícara funérea  
 Uma colher de cinza miserável!

Abro na treva os olhos quase cegos.  
 Que mão sinistra e desgraçada encheu  
 Os olhos tristes que meu Pai me deu  
 De alfinetes, de agulhas e de pregos?!

Pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis.  
 Dentro um dínamo déspota, sozinho,  
 Sob a morfologia de um moinho,  
 Move todos os meus nervos vibráteis.

Então, do meu espírito, em segredo,  
Se escapa, dentre as tenebras, muito alto,  
Na síntese acrobática de um salto,  
O espectro angulosíssimo do Medo!

Em cismas filosóficas me perco  
E vejo, como nunca outro homem viu,  
Na anfigonia que me produziu  
Nonilhões de moléculas de esterco.

Vida, mônada vil, cósmico zero,  
Migalha de albumina semifluida,  
Que fez a boca mística do druida  
E a língua revoltada de Lutero;

Teus gineceus prolíficos envolvem  
Cinza fetal!... Basta um fósforo só  
Para mostrar a incógnita de pó,  
Em que todos os seres se resolvem!

Ah! Maldito o conúbio incestuoso  
Dessas afinidades eletivas,  
De onde quimicamente tu derivas,  
Na aclamação simbiótica do gozo!

O enterro de minha última neurona  
Desfila... E eis-me outro fósforo a riscar.  
E esse acidente químico vulgar  
Extraordinariamente me impressiona!

Mas minha crise artrítica não tarda.  
Adeus! Que eu vejo enfim, com a alma vencida,  
Na abjeção embriológica da vida  
O futuro de cinza que me aguarda!

## SOBRE O AUTOR

### Augusto dos Anjos

Em 20 de abril de 1884, Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasce no Engenho do Pau d'Arco, Paraíba. Aprende a ler com seu pai, o advogado Alexandre Rodrigues dos Anjos, homem culto que apresenta o menino precocemente à literatura, à filosofia e a textos de divulgação científica, marcas indeléveis na poesia angustiada de Anjos. Muitas dessas referências ressurgirão quando Augusto se torna estudante de Direito na famosa Escola do Recife. Como professor, nunca teve estabilidade financeira, motivo que o leva a buscar no Rio de Janeiro um destino melhor. Em 1914, já como diretor escolar em Leopoldina, Minas Gerais, morre de pneumonia. Sua única obra publicada em vida, *Eu*, é de 1912, sendo custeada totalmente pelo seu irmão, Odilon dos Anjos. Outros *poemas esquecidos* foram acrescentados posteriormente, mas manteve-se o estilo peculiar, os versos inimitáveis deste que é considerado por muitos críticos como o mais estranho poeta brasileiro.



## **SOBRE O ORGANIZADOR DESTE VOLUME**

### **Diego Gomes do Valle**

Professor Adjunto de Literatura no curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Faz parte dos seguintes grupos de pesquisa do CNPq: “Lingua(gem), discurso e subjetividade”, “Literatura, cinema e ensino” e “Métodos em Teoria e Crítica Literária”. Realizou em 2022-2023 estágio pós-doutoral na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Letras (UEPG) e em Filosofia (Claretiano), vem publicando artigos e capítulos em livros buscando sempre a interdisciplinaridade e o trabalho comparativo, nunca perdendo de vista a dimensão do ensino.

**E-mail:** [diego.valle@uffs.edu.br](mailto:diego.valle@uffs.edu.br)



Reitor	Marcelo Recktenvald
Vice-Reitor	Gismael Francisco Perin
Chefe do Gabinete do Reitor	Rafael Santin Scheffer
Pró-Reitor de Administração e Infraestrutura	Charles Albino Schultz
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis	Nedilso Lauro Brugnera
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas	Claunir Pavan
Pró-Reitora de Extensão e Cultura	Patricia Romagnolli
Pró-Reitor de Graduação	Jeferson Saccol Ferreira
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Clevison Luiz Giacobbo
Pró-Reitor de Planejamento	Daiane Soffiatti Panigalli
Secretário Especial de Laboratórios	Edson da Silva
Secretário Especial de Obras	Fábio Correa Gasparetto
Secretário Especial de Tecnologia e Informação	Ronaldo Antonio Breda
Procurador-Chefe	Rosano Augusto Kammers
Diretor do <i>Campus</i> Cerro Largo	Bruno Munchen Wenzel
Diretor do <i>Campus</i> Chapecó	Adriana Remião Luzardo
Diretor do <i>Campus</i> Erechim	Luís Fernando Santos Corrêa da Silva
Diretor do <i>Campus</i> Laranjeiras do Sul	Fábio Luiz Zeneratti
Diretor do <i>Campus</i> Passo Fundo	Jaime Giolo
Diretor do <i>Campus</i> Realeza	Marcos Antônio Beal
Diretor da Editora UFFS	Antonio Marcos Myskiw
Chefe do Departamento de Publicações Editoriais e Revisora de Textos	Marlei Maria Diedrich
Assistente em Administração	Fabiane Pedroso da Silva Sulsbach



### *Conselho Editorial*

Alcione Aparecida de Almeida Alves	Aline Raquel Müller Tones
Antonio Marcos Myskiw (Presidente)	Sergio Roberto Massagli
Everton Artuso	Carlos Alberto Cecatto
Helen Treichel	Cristiane Funghetto Fuzinato
Janete Stoffel	Siomara Aparecida Marques
Joice Moreira Schmalfluss	Gelson Aguiar da Silva Moser
Jorge Roberto Marcante Carlotto	Riciéri Naue Mocelin
Liziara da Costa Cabrera	Iara Denise Endrueit Battisti
Marcela Alvares Maciel	Alexandre Mauricio Matiello
Maude Regina de Borba	Claudia Simone Madruga Lima
Melissa Laus Mattos	Luiz Felipe Leão Maia Brandão
Nilce Scheffer	Geraldo Ceni Coelho
Tassiana Potrich	Andréia Machado Cardoso
Tatiana Champion	Fabiana Elias
Valdir Prigol (Vice-presidente)	Angela Derlise Stübe



REVISÃO DOS TEXTOS **Diego Gomes do Valle**  
PREPARAÇÃO E REVISÃO FINAL **Marlei Maria Diedrich**  
PROJETO GRÁFICO **Mariah Carraro Smaniotto**  
DIAGRAMAÇÃO **MC&G Design Editorial**  
PROJETO GRÁFICO DA CAPA **Felipe Stanque Machado Junior**  
FINALIZAÇÃO DA CAPA **Mariah Carraro Smaniotto**  
  
DIVULGAÇÃO **Diretoria de Comunicação Social**  
  
FORMATOS **e-Pub e PDF**

A599 Anjos, Augusto dos

Eu /organização e apresentação: Diego Gomes do Valle. –  
Chapecó : Ed. UFFS, [2023]. (Coleção Literatura Brasileira:  
identidades em movimentos)

Recurso eletrônico.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5019-068-2 (PDF).

978-65-5019-069-9 (EPUB).

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Valle, Diego Gomes  
do, (org.). II. Série.

CDD: B869.1

Ficha catalográfica elaborada pela  
Divisão de Bibliotecas – UFFS  
Vanusa Maciel  
CRB -14/1478

